

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**  
**NÍVEL MESTRADO**

DAIANA DE OLIVEIRA MARTINS

Jornalismo investigativo na web: um estudo sobre a produção do repórter Giovani Grizotti

São Leopoldo, RS  
2011

**DAIANA DE OLIVEIRA MARTINS**

**Jornalismo investigativo na web: um estudo sobre a produção do repórter Giovani Grizotti**

Dissertação de Mestrado como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos.

Orientador: Professor Doutor Ronaldo Henn

São Leopoldo, RS  
2011

**DAIANA DE OLIVEIRA MARTINS**

**Jornalismo investigativo na web: um estudo sobre a produção do repórter Giovani Grizotti**

Dissertação de Mestrado como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos.

Aprovada em: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Dr. Ronaldo César Henn - Orientador - UNISINOS

*Para minha estrela-guia,*

*Minha mãe,*

*Amelinha.*

*“O olho do repórter investigativo tem que suplantar a pura curiosidade,  
assumir um quê de detetive mesmo” (FORTES, 2005)*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe e à minha irmã que sempre acreditaram em mim, mesmo quando eu pensava que já não podia mais. Pelo amor, pelo exemplo, pela compreensão, pelo sacrifício e cumplicidade durante toda essa caminhada.

Ao meu professor orientador Dr. Ronaldo César Henn, pela amizade, pelas palavras de estímulo e, especialmente, pela paciência com a minha insegurança, durante nossos encontros que tornaram este projeto realidade.

Agradeço à professora Ms. Rosana Cabral Zucollo, com quem aprendi a lapidar a paixão pelo jornalismo investigativo.

Um muito obrigada especial ao mestre Antônio Fausto Neto, que me inseriu no mundo da pesquisa e sempre confiou na minha capacidade.

Ao amigo querido Carlos Sanchotene, pela amizade sincera, pela confiança, pelo incentivo e pelas intermináveis orientações coletivas que muito contribuíram para este trabalho.

Às amigas e colegas de curso Aline Weschenfelder e Jocélia Bortolli. Companheiras, sempre presentes apesar da distância.

## RESUMO

Este trabalho busca analisar as estratégias textuais desenvolvidas pelo jornalista Giovani Grizotti a partir da observação do blog Direto da Fonte, vinculado ao site da RBS TV e do posicionamento do jornalista no twitter. Buscamos responder de que forma as estratégias textuais modificam a dinâmica do fazer jornalístico tradicional. A partir dessa questão estudamos que contrato de comunicação é estabelecido nesse processo e analisamos as lógicas de participação confrontando com os suportes tradicionais que tem seus métodos de produção consolidados pelos modelos clássicos de jornalismo investigativo. Nosso estudo é uma pesquisa qualitativa e descritiva onde a metodologia compreende consultas bibliográficas, observação e descrição do objeto empírico.

A análise evidencia que tanto o blog como o twitter seguem estratégias de autorreferencialidades, reformulam o contrato de leitura fomentando o surgimento de novos contratos visando manter a fidelização do leitor.

**Palavras-chave:** jornalismo investigativo; internet; interação; blog; twitter

## ABSTRACT

This study aims at analyzing the textual strategies developed by journalist Giovanni Grizotti from the observation of the blog Direto da Fonte, linked to the RBS TV site and the positioning of the journalist on twitter. We seek to answer how the textual strategies to change the dynamics of traditional journalism.

From this point, we study the communication contract established in that process and analyze the logic of participation confronting with traditional media support that have consolidated their production methods by classical models of investigative journalism.

From this point, we study the communication contract established in that process and analyze the logic of participation confronting with traditional media support that have consolidated their production methods by classical models of investigative journalism.

The analysis shows that both the blog and twitter follow the strategies of self-referential, revising the contract to read encouraging the emergence of new contracts in order to maintain the loyalty of the reader.

**Keywords:** investigative journalism; internet, interation; blog; twitter

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	14
<b>2 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE AS CATEGORIAS JORNALÍSTICAS</b>	21
2.1 As primeiras produções de Jornalismo Investigativo no Brasil	23
2.2 O Jornalismo Investigativo como categoria	27
2.3 A função social da investigação	33
2.4 Gêneros e contrato de leitura	39
<b>3 WEBJORNALISMO OU JORNALISMO NA WEB - UM NOVO CENÁRIO, UMA NOVA PRÁTICA</b>	45
3.1 Interatividade – uma mudança no esquema clássico comunicacional	47
3.2 A emergência das redes	49
3.2.1 Weblogs	51
3.2.2 Twitter	53
3.3 O processo produtivo do jornalismo investigativo na migração para a web	54
<b>4 GIOVANI GRIZOTTI – Um jornalista movido a sonhos</b>	58
4.1 O Grupo de Mídia Rede Brasil Sul	61
<b>5 ANÁLISES</b>	64
5.1 O blog <i>Direto da Fonte</i>	64
5.2 O jornalista Giovanni Grizotti no <i>twitter</i>	76
5.3 O “Caso do DVD”, no blog	81
5.4 O “Caso DVD” no <i>twitter</i>	83
5.5 O Caso “Farra dos Vereadores” no blog	85
5.6 O Caso “Farra dos Vereadores” no <i>twitter</i>	92
<b>6 CONSIDERAÇÕES</b>	94



## LISTA DE FIGURAS

FIGURA I	Layout da página inicial do blog <i>Direto da Fonte</i> - antes da atualização	67
FIGURA II	Layout da página inicial do blog <i>Direto da Fonte</i> - após atualização	68
FIGURA III	Banner identificando o blog	68
FIGURA IV	Tela de comentários – antes da atualização	70
FIGURA V	Página de comentários do blog <i>Direto da Fonte</i> - após a atualização	71
FIGURA VI	Tela com chamada para <i>twitter</i>	71
FIGURA VII	Novo layout do blog em 2011	74
FIGURA VIII	Novo item inserido “Páginas”	74
FIGURA IX	Item Tópicos recentes	75
FIGURA X	Tela com nova forma de postar comentários	76
FIGURA XI	Tela com nova forma para efetuar o cadastro no blog	76
FIGURA XII	Quadro com atualizações instantâneas do <i>twitter</i>	78
FIGURA XIII	Layout página no <i>twitter</i>	79
FIGURA XIV	Novo layout do <i>twitter</i> apresentado em 2011	80
FIGURA XV	Nova forma de identificação no <i>twitter</i>	81
FIGURA XVI	Número de pessoas que seguem o jornalista	81
FIGURA XVII	Dados numéricos do <i>twitter</i> de Grizotti	82
FIGURA XVIII	Imagem de fundo da página do <i>twitter</i>	84
FIGURA XIX	Página do blog <i>Direto da Fonte</i> – “Caso DVD”	84
FIGURA XX	1º post “Caso Farra Vereadores”	87
FIGURA XXI	2º post “Caso Farra Vereadores”	90
FIGURA XXII	3º post “Caso Farra Vereadores”	91
FIGURA XXII	4º post “Caso Farra Vereadores”	93

## LISTA DE TABELAS

TABELA I	Categorização de posts do blog <i>Direto da Fonte</i>	73
TABELA II	Acompanhamento do nº de seguidores do <i>twitter</i> de Giovani Grizotti	79

## 1. INTRODUÇÃO

A indagação que orienta esta pesquisa partiu de uma observação com iniciação na graduação, na qual se realizou em estudo comparativo sobre os procedimentos teóricos e as práticas do jornalismo investigativo nos jornais da região central do Estado, tomando como amostra, os jornais impressos de circulação diária da cidade de Santa Maria. Para o referido estudo, refletimos a partir de pré-observações nas coberturas jornalísticas existentes na mídia diária onde constatamos incompatibilidades entre os modelos teóricos que fundamentam o jornalismo investigativo e as práticas adotadas na produção dos jornais. Nossas observações revelaram que o jornalismo investigativo que provém de denúncias, da busca do repórter pela indagação, pela revelação de fatos de interesse humano não alcança as rotinas produtivas dos jornais impressos diários da cidade de Santa Maria. Além de profissionais capacitados, faltam iniciativas para elucidar hipóteses sobre a abordagem do tema. Portanto, o tratamento dado as denúncias recebidas pelo público tem se limitado a facilitar o caminho até os órgãos responsáveis.

Alguns exemplos de material investigativo produzido para veículos de circulação diária em outras regiões do país nos serviram como parâmetro para tais constatações. Tomamos como referência de produção investigativa a reportagem “Asas Feridas<sup>1</sup>”, coordenada por Leandro Colling, publicada no site da Agência Baiana de Notícias, vencedora do 2º Prêmio Tim Lopes de Jornalismo Investigativo, e “24 Horas<sup>2</sup>”, de Elenice Bottari e Paulo Maqueiro, publicada no jornal O Globo; laureada na última edição do prêmio, em 2007. O interesse pelo tema foi motivado pela percepção da ausência de um posicionamento investigativo nas coberturas jornalísticas e a falta de iniciativa para elucidar hipóteses sobre a abordagem do assunto nas rotinas dos jornais. Na busca por responder a estas inquietações realizamos observações através de estudos de casos que revelaram que o jornalismo investigativo policial, aquele que provém de pesquisa minuciosa, da busca pela revelação de fatos de interesse público, ainda não alcança os jornais do centro do Estado.

As respostas preliminares encontradas no estudo suscitaram a proposta inicial de pesquisa apresentada para o Programa de Pós-graduação, na qual buscávamos um aprofundamento do tema através de um estudo mais amplo e sistemático de análise empírica

---

<sup>1</sup> A reportagem “Asas Feridas” realizada pela Agência Baiana de Notícias e coordenada por Leandro Colling. Ganhou o II Prêmio Tim Lopes de Jornalismo Investigativo em 2006.

<sup>2</sup> A reportagem “24 horas” realizada pelos repórteres Elenice Bottari e Paulo Maqueiro, foi publicada no jornal O Globo e foi premiada na 5ª edição do Prêmio Tim Lopes de Jornalismo Investigativo.

em um âmbito maior e mais complexo. Nesta proposta, o estudo concentrava-se na observação das gramáticas de produção que sustentam o modelo de funcionamento do jornalismo investigativo posto em prática no contexto da mídia impressa gaúcha. Para a realização desta pesquisa havíamos proposto um estudo junto ao universo de jornais<sup>3</sup> editados em municípios do Estado, que possuísem como traço comum o fato de abrigarem em suas rotinas produtivas as editorias de polícia ou segurança.

No decorrer das disciplinas cursadas durante o Programa de Pós-Graduação surgiram novas observações e reflexões que nos fizeram abandonar as premissas iniciais de pesquisa para que pudéssemos reconhecer os novos processos, reformulando as questões. Dentre elas, a mudança do foco dos meios para os processos, complexificando o objeto. Dessa forma, voltamos o olhar para as novas tecnologias contemplando os novos formatos de produção apresentados pelas redes sociais na internet, buscando uma maior profundidade na pesquisa especializada em jornalismo investigativo, mas agora debruçando-nos sob os processos de produção e interação que se dão no ambiente da internet. Nos dias atuais, a forma como estão configurados os processos de apuração e produção de notícias coloca produtor e receptor no mesmo ambiente. O jornalismo transforma o que é transmitido nos jornais através da produção para a web, dando um novo sentido às relações.

Passamos então a observar a produção de um weblog. No entanto, para observar a categoria de jornalismo investigativo a partir da produção de um weblog é necessária uma abrangência mais detalhada, direcionando o foco aos processos de interação social e aos vínculos mediados pela técnica, característica intrínseca a este dispositivo. Portanto, acompanhamos o trabalho realizado pelo jornalista Giovani Grizotti<sup>4</sup> em seu weblog, vinculado ao site da RBS TV através do link [www.clicrbs.com](http://www.clicrbs.com) juntamente a sua produção na página de relacionamentos no twitter<sup>5</sup>. O blog intitula-se de cunho investigativo<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup> Os jornais pré-selecionados como corpus para esta possibilidade de análise seriam: *Correio do Povo*, *Diário Gaúcho*, *O Sul e Zero Hora* de Porto Alegre; *Diário de Canoas*, de Canoas; *Pioneiro*, de Caxias do Sul; *Diário da Manhã* e *O Nacional*, de Passo Fundo; *Gazeta do Sul*, de Santa Cruz do Sul; *Diário Popular*, de Pelotas; *A Razão* e *Diário de Santa Maria*, de Santa Maria e *A Platéia*, de Sant’ana do Livramento.

<sup>4</sup> Giovani Grizotti é formado pela Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre e começou sua carreira no “Jornal de Capão”, de Capão da Canoa. Desde 1996 trabalha no Grupo RBS fazendo matérias para jornais locais e programas jornalísticos da TV Globo. Já conquistou mais de 40 prêmios de jornalismo incluindo duas edições do Esso, além dos prêmios Vladimir Herzog e Embratel e o troféu Tim Lopes de Jornalismo Investigativo. Frequentemente suas denúncias são divulgadas também pela rádio Gaúcha, pelos jornais Zero Hora e Diário Gaúcho e TV Globo.

<sup>5</sup> Link para acesso: <http://twitter.com/giovanigrizotti>

abordando temas como política, saúde, educação e segurança pública. Trata-se de uma plataforma onde o jornalista publica notícias e links das investigações que realiza, proporcionando alguma forma de interação através do espaço reservado para comentários dos internautas. Nesse viés, optamos pela análise do blog por sua especificidade em trabalhar a temática do jornalismo investigativo em um ambiente aparentemente novo, como a internet.

Um weblog é uma rede constantemente construída e reconstruída através das trocas sociais, formando redes expressas a partir de interações entre os seus atores, onde os comentários proporcionam a criação de laços dialógicos. As redes sociais têm um potencial imenso para mobilizar e para transformar a sociedade. Elas ampliaram as possibilidades de conexões e a capacidade de difusão de informações que hoje são muito mais amplificadas, discutidas e repassadas. São compostas por pessoas que estão utilizando a internet para ampliar suas conexões e construir um espaço mais democrático e amplo, gerando valores e acesso a informação. (RECUERO, 2006).

Observando os processos de interação proporcionados pela rede, destacamos a concepção de Jurgen Habermas (2006). Em publicação no Caderno Mais, da Folha de São Paulo, o autor fala sobre o caos da esfera pública e enfatiza a importância da mudança estrutural. Para o autor a esfera pública tornou-se mais incluyente, tornando o intercâmbio de informações mais intenso devido à nova organização da comunicação e do jornalismo feito para TV e internet. Esta ligação em redes informatizadas de comunicação acaba por enfraquecer as esferas públicas tradicionais pela constante dispersão do público para informações selecionadas. Por outro lado, o autor salienta um dos percalços enfrentados pelo fortalecimento das redes informatizadas de comunicação: a descentralização dos acessos a contribuições não redigidas.

A utilização da internet simultaneamente ampliou e fragmentou os nexos de comunicação. Por isso a internet produz por um lado um efeito subversivo em regimes que dispensam um tratamento autoritário à esfera pública. Por outro lado, a interligação em redes horizontais e informalizadas de comunicação enfraquece ao mesmo tempo as conquistas das esferas públicas tradicionais, pois estas enfeixam no âmbito de comunidades políticas a atenção de um público anônimo e disperso para informações selecionadas, de modo que os cidadãos podem ao mesmo tempo se ocupar dos mesmos temas e contributos criticamente filtrados (HABERMAS, 2006, p. 3).

---

<sup>6</sup> Informações obtidas diretamente no blog *Direto da Fonte*, através do link [www.clicrbs/diretodafonte](http://www.clicrbs/diretodafonte). Primeiro acesso em novembro de 2009.

Na visão de Kerckhove (1999), a interação mediada pela tecnologia antecipa a informação na forma de pistas, na conversação que se dá através de manchetes, posts, comentários. O foco passa a ser então na questão do contato. O autor vê a interação social no ciberespaço como uma questão de conectividade, ou seja, as pessoas que estão fora desse sistema estão desconectadas. Nesse sentido a conectividade coloca todos os meios em interatividade, onde toda a realidade é mudada pela rede. A necessidade de interagir, de participar, deixar de ser anônimo, transforma os modos de relacionamento e invade a rede. Os conceitos de interatividade e hipertextualidade trabalhados pelo autor são essenciais para entendermos o crescimento das relações entre as pessoas, o aspecto biológico na rede. Nesse sentido, a hipertextualidade modifica os modos de acesso às informações, os conteúdos podem ser acessados e produzidos a qualquer momento e por qualquer pessoa, o que transforma os modos de produção e de seleção da informação:

La hipertextualidad está invadiendo los dominios tradicionales del suministro de contenidos em forma de datos, texto, sonido y vídeo. Está cambiando las reglas del almacenamiento, la distribución y la entrega basados em el espacio de elementos como los libros, los discos, los casetes, los vídeos o las películas (KERCKHOVE, 1999, p. 24).

A internet constituiu-se em um meio de comunicação essencial nas relações sociais compondo uma nova forma de sociedade, de interação e organização social. Ela não é simplesmente uma tecnologia, é o meio de comunicação que constitui a forma organizativa da sociedade em torno de fluxos. Nesse novo ambiente, o envolvimento do cidadão que antes atuava como leitor na publicação e na edição dos conteúdos jornalísticos tornou-se uma prática comum, chamada de Jornalismo Participativo. Esta forma de participação do público na produção da informação têm impactos diretos nas práticas tradicionais do fazer jornalístico, que antes centralizava o conteúdo no editor. O conteúdo colaborativo permite que indivíduos não apenas publiquem como também compartilhem informações na rede. Nesse sentido, verificamos uma mudança nos processos de produção e recepção (Castells 1999). A tecnologia quando convertida em meio de produção e recepção afeta a relação meio e atores sociais, alterando as práticas processuais que vêm da mídia clássica às tecnologias digitais.

Buscando um maior entendimento sobre essa nova abrangência dos processos midiáticos tomamos como referência o professor José Luiz Braga (2006) que estuda as formas de interação social midiáticas. Para Braga, os processos midiáticos não se esgotam

nos subsistemas já consolidados da produção e da recepção. Existe um 3º subsistema, o qual denomina como sistema de resposta social. Esse sistema são as atividades de resposta produtiva e direcionada da sociedade em interação com os produtos midiáticos. Desse modo, descarta-se uma forma de interatividade que Braga chama de estrita, ou seja, aquela tipicamente de retorno direto e pontual que seria então uma espécie de retorno sem nenhuma relação com a crítica. O sistema de resposta social é um sistema de interação social sobre a mídia que tem uma circulação diferida e difusa, ou seja, diferida por ser posterior a recepção e difusa porque está espalhada na sociedade e envolve mais do que relações diretas e bidirecionais entre produtores e receptores. Portanto, a interatividade é também um sistema de resposta que permite que as respostas circulem socialmente e que a sociedade possa interagir nesse intrincado cenário social que é eminentemente marcado e atravessado pelos dispositivos midiáticos.

Para identificar e compreender essas novas lógicas que conduzem o processo buscamos referências nos códigos do jornalismo investigativo, nas práticas tradicionalmente postas em funcionamento na mídia clássica. Trabalhamos a partir da definição que classifica o jornalismo investigativo como uma categoria que procura divulgar informações de interesse público constituindo-se em um processo que exige maior tempo e planejamento na produção, desde o trabalho de pesquisa, até a procura pelas fontes, e que tem como função questionar as causas e os efeitos dos acontecimentos, procurando uma relação entre eles. É este processo que diferencia a reportagem investigativa dos outros tipos de reportagem (SANTORO, 2005). Nesse sentido, abordaremos os conceitos já postulados fazendo articulações com o desenvolvimento tecnológico no qual o jornalismo está inserido e as novas formas de enunciação que a web proporciona.

A prática jornalística passa por transformações na contemporaneidade. Este novo patamar no qual se insere a ação profissional dos jornalistas insere novas rotinas e processos impondo a adaptação a novas formas de linguagem. Nesse momento é relevante refletir sob as práticas jornalísticas existentes para entender as transformações que ocorrem nesse novo cenário de produção jornalística no webjornalismo. No entanto, percebemos que os novos formatos jornalísticos como que exploram as potencialidades que a internet oferece buscam produzir um novo e mais completo produto embora não sigam as lógicas de produção dos formatos convencionais.

Quando surgiram nos anos 90, os blogs eram basicamente listas de links para sites. Embora os primeiros blogs fossem programados por seus autores, o lançamento de sistemas gratuitos de controle de conteúdo proporcionou uma explosão do número dessas

experiências. Com o crescimento da internet, a facilidade e agilidade de comunicação que ela proporcionou, aumentou o interesse das pessoas e empresas em ter um espaço pessoal na web. Hoje, os blogs são um espaço de informações mais sólidas perdendo a característica inicial de diário pessoal. Com conteúdo informativo e educativo são utilizados para comentários, disseminação de opiniões, idéias, divulgação de material artístico e são adotados não só por pessoas físicas como também por empresas e instituições. Dessa forma, tornou-se instrumento de trabalho, fonte de informações para profissionais de diversas áreas dentre eles os jornalistas.

O twitter é uma das novas formas de comunicação e interação na internet. Em matéria publicada na revista Isto É<sup>7</sup> constatamos que o twitter gera até mais visitas que o Orkut. Atualmente, já chegou à marca de um bilhão de mensagens disparadas e a expectativa é de que chegue a 03 ou 04 bilhões. É uma rede social que permite aos usuários enviarem e receberem atualizações pessoais de outros contatos através de textos de até 140 caracteres. As atualizações são exibidas na página de perfil do usuário e também são enviadas a outros usuários seguidores por meio do site do Twitter ou por SMS. Twitter refere-se ao som que os pássaros fazem. Algo como "*piar*", "*gorjear*". Além de verbo é também o substantivo: "*pio*", "*gorjeio*", "*trinado*". Emerge daí então o sentido figurado da palavra "*twitter*": "*jogar conversar fora*", "*papear*"<sup>8</sup>.

Diante deste contexto percebemos que cada vez mais o usuário tem acesso a dados que não estão disponíveis antes nos meios de comunicação tradicionais, ou seja, o usuário da web através do weblog tem a possibilidade de comentar, acrescentar informações, denunciar irregularidades, participar do processo de disseminação das informações. Pelo twitter o usuário tem a possibilidade de acesso ao caminho da investigação, tem a chance de acompanhar os seus temas de interesse diretamente, verificar as fontes, acompanhar o encaminhamento do processo de produção antes mesmo da reportagem ser agendada e publicada na mídia tradicional.

É nesse cenário que situamos essa pesquisa. Ela tem como foco o trabalho do jornalista Giovani Grizotti, do Grupo RBS, que tem se destacado como um dos principais repórteres investigativos do Brasil. Sua marca é a utilização de estratégias polêmicas na produção de suas reportagens, como câmeras escondidas e disfarces. Seu trabalho aparece nos diversos veículos do Grupo além de inserções na Rede Globo, de alcance nacional. Com a internet, passou a atuar na rede mantendo blog e perfil no twitter, que se convertem

---

<sup>7</sup> Revista Isto É edição 2050 de 25 de fevereiro de 2009.

<sup>8</sup> Dados extraídos da edição 2050 da Revista Isto É.

no interesse dessa pesquisa. Ela emerge da observação desses processos de produção do blog *Direto da Fonte*, juntamente a observação do posicionamento do jornalista em sua página pessoal no twitter. Para, além disso, buscaríamos uma observação junto aos demais veículos onde o jornalista atua, os jornais impressos, rádio e os telejornais, procurando identificar as estratégias do texto produzido na internet e como elas se relacionam com o material investigativo propriamente dito.

Dessa forma, construímos nosso problema de pesquisa buscando responder de que forma as estratégias textuais desenvolvidas pelo jornalista Giovani Grizotti em seu blog *Direto da Fonte* e em sua página pessoal no twitter modificam a dinâmica do fazer jornalístico tradicional? E que contrato de comunicação é estabelecido nesse processo? Diante das reflexões expostas propomos compreender os modos de articulação e transformação dos processos jornalísticos nos novos formatos midiáticos confrontando com os suportes tradicionais que tem seus métodos de produção consolidados pelos modelos clássicos de jornalismo investigativo.

Dentre nossos objetivos específicos estão compreender como se dá o funcionamento desta nova lógica de enunciação jornalística que é produzida a partir do blog *Direto da Fonte* e da página pessoal no twitter do jornalista Giovani Grizotti na internet, e como ela se insere no contexto do jornalismo hoje, analisar as lógicas de participação: a rede social que se forma através do processo interativo; verificar se a rede de discursos sociais interfere ou não, e estudar os códigos de produção do jornalismo investigativo praticado na mídia tradicional.

## 2 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE AS CATEGORIAS JORNALÍSTICAS

O jornalismo investigativo emerge dos processos de industrialização da atividade que inicia no século XIX. Isso tudo acontece conjugado a um complicado processo de industrialização na sociedade, urbanização, avanços tecnológicos e regimes políticos. Desde então a história do jornalismo tem sido um processo de profissionalização lento e complicado onde a procura de legitimidade por parte dos jornalistas constituiu-se no objetivo fundamental. Nesse período, a profissionalização do jornalismo adotou diversas expressões como a formação de clubes, associações, sindicatos, elaboração de códigos deontológicos, desenvolvimento do ensino, primeiramente, como ensino de disciplinas e depois através dos cursos universitários nos Estados Unidos e na França ainda no século XIX. Ainda que os debates acerca do tipo de ensino apropriado nas licenciaturas em jornalismo e comunicação permanecessem. (TRAQUINA, 2005).

Apesar das dificuldades em definir o território profissional, situação evidenciada ainda hoje devido ao número de modalidades de acesso à profissão, houve importantes conquistas na área, dentre elas o reconhecimento do sigilo profissional que firma uma relação privilegiada entre o jornalista e suas fontes.

A noção de imprensa livre e o jornalismo como *quarto poder* definiram um *ethos* próprio para o jornalista como um comunicador desinteressado que não apenas serve a opinião pública constituindo uma arma democrática contra abusos de poder, mas também comprometido com a verdade. Além disso, formou-se um conjunto de normas e valores como a objetividade e o imediatismo que consolidou uma ideologia profissional que definiu o ser um profissional de jornalismo. Uma cultura profissional com linguagem própria. Conforme adiantava Traquina: “... se a identidade do jornalismo enquanto profissão continua a ser problemática é bem clara a existência de uma identidade jornalística, ou seja, existe uma resposta bem precisa à pergunta; ‘o que é que significa ser jornalista’”. (TRAQUINA, 2005, p. 28).

No final do século XIX a imprensa iniciava a massificação e a profissionalização. Essa fase ficou marcada como uma transição de ordem social, cultural e profissional, na qual os meios de comunicação de massa tinham a função de informar e entreter. Houve então uma mudança do interesse do jornalismo partidário para o jornalismo factual, onde apareceram novos gêneros jornalísticos como a reportagem, as entrevistas e as primeiras investigações jornalísticas.

Ao longo do século XX, novas mídias se consolidaram. Por conta disso, na busca por complementar a informação que era transmitida pela TV ou pelo rádio, os jornais impressos utilizaram a pesquisa em profundidade, de onde emergiu o jornalismo interpretativo. O jornalismo impresso preocupou-se em não somente noticiar os fatos e sim dar ao leitor explicações mostrando as causas e as perspectivas desses, enquadrando a notícia em um contexto social, e apresentando suas conseqüências. Nesse momento o jornal basicamente dividiu-se em duas categorias historicamente instituídas: a categoria de jornalismo informativo e a de jornalismo interpretativo.

Entretanto, existem divergências teóricas no modo como se faz essa classificação. Para Mario Erbolato (1978), ao divulgar um fato podemos classificar a notícia a partir de três aspectos: informativo, interpretativo e opinativo. A informação compreenderia a descrição dos fatos, a interpretação a superdefinição dos mesmos e a opinião seria apoiada em conclusões pessoais a respeito deles. De acordo com José Marques de Melo (2003), o jornalismo articula-se em função de dois núcleos de interesse: a informação, ou seja, o saber o que se passa, e a opinião, saber o que se pensa sobre o que se passa. Apesar da classificação, essas duas categorias não excluem o fator ideológico que faz parte de todo e qualquer relato jornalístico. A partir das categorias informação e opinião, podemos classificar os elementos jornalísticos da seguinte forma: notas, notícias, reportagens, entrevistas, fariam parte da categoria informação. Editoriais, comentários, artigos, resenhas, colunas, crônicas, caricaturas e cartas, compreenderiam a categoria opinião. Para José Marques de Melo, a distinção entre nota, notícia e reportagem seria a progressão dos acontecimentos, onde a reportagem seria o relato ampliado do acontecimento. De forma contrária, Erbolato compreende a reportagem como parte da interpretação do fato.

Muito embora historicamente predominem as categorias de jornalismo informativo e opinativo, atualmente elas coexistem junto a categorias novas advindas das mudanças nos processos jornalísticos, dentre elas o jornalismo investigativo. No Brasil, estudiosos e pesquisadores<sup>9</sup> identificam cinco categorias: jornalismo informativo, interpretativo,

---

<sup>9</sup> Dentre eles destacamos Cremilda Medina, jornalista, pesquisadora e professora de comunicação social, nasceu em Portugal e saiu do Porto em 1953 para se radicar no Brasil. Atua, desde os anos de 1960, quando se formou em Jornalismo e em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em duas frentes – comunicação social e pesquisa acadêmica. E Nilson Lage, jornalista, professor titular da Universidade Federal de Santa Catarina desde 1992. É doutor em Lingüística, Mestre em Comunicação e Bacharel em Letras. Foi professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense e de instituições particulares.

<sup>9</sup> A queda do presidente norte-americano Richard Nixon, mais conhecida como o caso “Watergate”, ficou marcada por ocorrer devido a um dos melhores trabalhos de investigação jornalística já vistos.

opinativo, literário, e recentemente o jornalismo investigativo. A discussão em torno da classificação do jornalismo investigativo como gênero é constante. Muitos jornalistas defendem que em qualquer atividade jornalística o método investigativo se faz presente. Ainda assim, existem profissionais que acreditam que o gênero interpretativo está diretamente relacionado com o jornalismo investigativo por se tratar do jornalismo explicativo, em profundidade. (SANTORO, 2005). Mesmo que todo o jornalismo possa ser investigativo, existem procedimentos e temporalidades específicos que delimitam o processo de investigação como uma categoria própria.

## 2.1 As primeiras produções de Jornalismo Investigativo no Brasil

O jornalismo investigativo teve suas publicações mais reconhecidas no período de pós-guerra Mundial, nos Estados Unidos a partir de 1955, e entre 1964 e 1973 na Guerra do Vietnã. O marco que caracteriza a categoria foi o Caso Watergate<sup>10</sup>, publicado no The Washington Post<sup>11</sup>, de autoria dos jornalistas Carl Bernstein e Bob Woodward.

O jornalista Ricardo Kotscho classifica essa reportagem como um exemplo de jornalismo e investigação.

O exemplo mais pronto e acabado deste tipo de trabalho é o célebre escândalo de watergate, quando dois repórteres do Washington Post - Bob Woodward e Carl Bernstein - levaram, com suas matérias, o presidente Richard Nixon à renúncia. Carl Bernstein era um repórter de "geral" do Post e, a partir de algumas denúncias que o jornal recebeu, começou a checar as informações com várias fontes, até ligar o caso de um arrombamento no escritório do Partido Democrata instalado no edifício Watergate a importantes figuras da Casa Branca, chegando, finalmente ao Presidente. Sua luta se trava - como em qualquer relação em qualquer época - em duas frentes: levantar as informações e convencer seus superiores a publicá-las (KOTSCHO, 1989).

Nos Estados Unidos o jornalismo investigativo é constituído como um gênero reconhecido. De acordo com o professor e jornalista argentino Daniel Santoro, na Argentina ainda não há uma forte corrente de investigação. A falta de profissionais treinados e a falta

---

<sup>10</sup> A queda do presidente norte-americano Richard Nixon, mais conhecida como o caso "Watergate", ficou marcada por ocorrer devido a um dos melhores trabalhos de investigação jornalística já vistos.

<sup>11</sup> O The Washington Post mais conhecido, é um dos maiores e mais antigos jornais em [Washington](#), a capital dos Estados Unidos. O periódico ganhou fama mundial no começo dos [anos setenta](#) por sua investigação do caso [Watergate](#).

de recursos para manter essas equipes se transformam em um entrave ao jornalismo investigativo na grande mídia. (SANTORO, 2005, p. 18).

No Brasil, algumas revistas deram espaço para a grande reportagem e por conseqüência para o investigativo. Dentre elas, destaca-se a *O Cruzeiro*<sup>12</sup>, criada em 1928, principal revista ilustrada brasileira na época em que aconteceram os primeiros conglomerados de imprensa. A revista *Manchete*<sup>13</sup>, em 1952; e *Realidade*<sup>14</sup> em 1966, que atuou em um contexto de acontecimentos extremos no país, como o início dos Anos de Chumbo, em que eram limitados os direitos dos civis. Com um modelo inovador, permitindo mais liberdade de expressão para os jornalistas a revista tinha como marca a criatividade de suas capas. A revista nasce em um momento pós-guerra, onde o quadro político brasileiro era caracterizado pelo populismo e nacionalismo intensos e a prática do profissional de imprensa intensamente influenciada por essas circunstâncias. O clima político-cultural tenso possibilitou a confluência dos profissionais de imprensa e das estruturas partidárias, que movimentaram a revista. A revista *Realidade* foi um divisor de águas na imprensa brasileira, rompeu com todos os modelos estruturais, extinguiu o jornalismo tradicional questionando e levando o público a refletir.

Embora não existam muitos estudos documentando a origem da reportagem investigativa, ainda assim, não se pode negar a sua ocorrência em meados dos anos 70. Nesse período, as experiências jornalísticas são exemplares, *Veja* lança uma edição sobre torturas, que aponta caminhos de resistência à ditadura do momento na mesma direção da *Realidade*. Surge *Opinião*, *Movimento* e outros jornais da imprensa alternativa. A imprensa notabiliza-se por investigar procedimentos obscuros do regime militar. A revista *Veja* começa a se consolidar como revista semanal a partir de suas publicações que davam

---

<sup>12</sup> O *Cruzeiro* foi a principal [revista ilustrada brasileira](#) do [século XX](#). Fundada por [Carlos Malheiro Dias](#), começou a ser publicada em [10 de novembro](#) de [1928](#), pelos [Diários Associados](#) de [Assis Chateaubriand](#). A revista foi importante na introdução de novos meios gráficos e visuais na imprensa [brasileira](#), citando entre suas inovações o fotojornalismo e a inauguração das duplas repórter-fotógrafo

<sup>13</sup> A revista *Manchete* surgiu na década de 50, sendo considerada a segunda maior revista brasileira de sua época. Empregando uma concepção moderna, a revista utilizava como principal forma de linguagem, o fotojornalismo.

<sup>14</sup> *Realidade* foi uma [revista brasileira](#) lançada em [1966](#). pela [Editora Abril](#). Era caracterizada por uma abordagem mais criativa e ousada, com matérias em primeira pessoa, fotos que deixavam perceber a existência do fotógrafo e design gráfico pouco tradicional.

destaque aos crimes de tortura.

Na época, o Brasil era comandado pelo general Emilio Garrastazu Médici, e vigorava a ditadura militar. A imprensa vivia sob censura prévia dentro das próprias redações. A abertura política no país veio somente em 1974, quando assumiu o poder o general Ernest Geisel. Ainda naquela década, a imprensa conviveu com um sistema de censura brutal e perseguição aos jornalistas que veiculavam notícias denunciando qualquer irregularidade ou oposição ao regime governamental. Praticamente não existiam reportagens investigativas e as que tinham um cunho de denúncia social eram cortadas e previamente censuradas pelos veículos.

Um exemplo da ação dos censores foi o que ocorreu em fevereiro de 1979, quando a reportagem do jornalista Antonio Carlos Fon, chamada *Descendo aos porões*, para a revista *Veja* foi cortada. A matéria mostrava o funcionamento da máquina repressiva dos militares, fruto de um trabalho longo de apuração e que a revista engavetou por três meses. Nas palavras de Fon: “Foi uma negociação lenta. Tive de cortar muito texto e reescrever algumas partes, e a revista só a publicou no carnaval, quando, todos sabem, é a época mais fraca do ano em relação ao consumo de veículos de comunicação” (FON *apud* SEQUEIRA, 2005, p. 164).

Com a publicação da matéria, Fon ganha seu primeiro Prêmio Herzog e anos mais tarde, inclui o material censurado pela revista em seu livro-reportagem *Tortura: a história da repressão no Brasil*.

O jornalista Marcelo Beraba realizou uma das primeiras matérias investigativas para o jornal *O Globo*, em 1980. Foi o caso que ficou conhecido como Mano Blanca. O caso deu-se entre o fim de 1979 e o início de 1982 quando ocorreram centenas de assassinatos na Baixada Fluminense, zona pobre da periferia do Rio de Janeiro, resultando em cerca de 230 homicídios no período de três meses. Os mortos eram bandidos e, ao que tudo indicava Mano Blanca atuava como uma espécie de justiceiro, exterminando supostos marginais e obtendo o apoio da população. Aos poucos, seus crimes foram ganhando espaço nos jornais diários.

Durante esse período, o Brasil vivia sob o regime militar do general João Figueiredo e o Rio de Janeiro possuía uma das polícias mais violentas do país, com altos índices de criminalidade. Em março de 1980, Marcelo Beraba e Telmo Wambier, iniciaram suas pesquisas para descobrir se Mano Blanca matava bandidos e traficantes ou pessoas sem qualquer envolvimento com o crime. Durante muito tempo, os repórteres trabalharam cruzando dados entre os informes policiais em jornais e as circunstâncias da morte junto ao

departamento de óbitos. Ao fim do processo de apuração, o levantamento mostrou que a maioria das vítimas não eram bandidos, mas, sim, trabalhadores de bairros distantes, que tinham sido assaltados ou confundidos com marginais. Suas mortes eram atribuídas a Mano Blanca com o objetivo de mascarar a atuação das investigações, o que só evidenciou o quão precário e incompleto era o trabalho da polícia (SEQUEIRA, 2005).

Seguindo a linha investigativa, o jornalista Juarez Bahia ganhou o Prêmio Esso de Jornalismo pela série de reportagens *As Drogas*, publicada no Jornal do Brasil, entre 20 e 25 de julho de 1975. A série foi uma apresentação de um quadro assustador do desenvolvimento do mercado de drogas no país. As matérias mostravam um país consumidor, mas que já apontava indícios de sua entrada na rota do tráfico internacional.<sup>15</sup>

Nos últimos anos, o jornalismo investigativo cresceu muito no Brasil. Antigamente, tinha-se que conviver com a censura e com a Lei da Segurança Nacional, que proibia os jornais diários de investigar corrupção e irregularidades. A partir dos anos 90, os jornais apostam no financiamento e na publicação de reportagens investigativas<sup>16</sup>. Um exemplo bem divulgado no Brasil foi o caso do *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello. O escândalo impulsionou os principais veículos de comunicação do país, como a revista *Veja* e *Istoé*, os jornais *Folha de São Paulo*, *O Globo* e redes de televisão, que passaram a investir na qualificação de profissionais e na criação de equipes especializadas para procurar evidências - os chamados “furos” de reportagem – e a partir daí, desenvolver a apuração.

Hoje, a maioria das grandes empresas de comunicação possui em sua redação jornalistas especializados que trabalham como repórteres investigativos. A Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) foi fundada em 2002, por grupos de jornalistas brasileiros especializados em reportagens investigativas com o objetivo de trocar experiências, informações e dicas sobre reportagens. A Abraji se auto-declara independente, apartidária, não sindical e não acadêmica e mantém um sistema virtual de trocas de informações e divulgação de notícias de caráter investigativo.

---

<sup>15</sup> Informações do site [www.premioesso.com.br](http://www.premioesso.com.br), acessado em 25 de agosto de 2007.

<sup>16</sup> Informações em GENTILLI, Victor. O jornalismo brasileiro nos anos 70. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/pos/gtjornalismo/doc/2001/gentilli2004.rtf>>. Acesso em: 16 ago. 2007.

## 2.2 O Jornalismo Investigativo como categoria

Um dos maiores compromissos do jornalismo investigativo está tradicionalmente vinculado a verdade dos fatos. Nesse sentido, o repórter Frederico Vasconcelos (2008) considera essa busca pela verdade quase um mito. Para ele, o ideal é relatar os fatos com exatidão acolhendo as mais diversas versões, permitindo que o leitor forme sua própria opinião.

Já o jornalista e escritor argentino Tomás Eloy Martínez considera o jornalismo investigativo um instrumento de ação social: “El periodismo no es un circo para exhibirse, sino un instrumento para pensar, para crear, para ayudar al hombre em su eterno combate por una vida más digna y menos injusta” (MARTINEZ *apud* SANTORO, 2004, p. 23).

O termo jornalismo investigativo é redundante, partindo-se do pressuposto que todo o jornalismo pressupõe investigação, salienta Cleofe Monteiro de Sequeira (2005).

A partir dessas opiniões complementares percebemos que o jornalismo investigativo é considerado uma categoria que se diferencia das outras pelo processo de trabalho do profissional, seus métodos de pesquisa e estratégias de apuração que se diferenciam da rotina convencional das redações jornalísticas. O jornalismo investigativo tornou-se conhecido por revelar os meandros da corrupção, como uma espécie de prestador de serviços à sociedade, tornando públicos os acontecimentos que grupos de poder têm interesse em esconder.

Na concepção de Sequeira:

Existe uma categoria jornalística específica, intitulada jornalismo investigativo, diferenciada das outras pelo processo de trabalho dos profissionais, obrigados a lançar mão de metodologias e estratégias nada ortodoxas, com as quais os jornalistas de atualidade nem sonham em trabalhar, para obter a reportagem (SEQUEIRA, 2005, p. 11).

O jornalista argentino autor de *Técnicas de Investigación*, Daniel Santoro, afirma que: “La investigación es la esencia de nuestro oficio, porque el periodismo es siempre indagación y búsqueda” (SANTORO, 2004, p. 17). No jornalismo diário atual essa é uma prática jornalística que foge dos padrões da produção de informação. Ou seja, é um processo que exige maior tempo e planejamento, no qual o repórter prima pelos detalhes. É um processo que investiga, questiona as causas e os efeitos dos fatos, procurando uma relação entre eles. Ao repórter, cabe uma postura de denúncia, de apuração, de mostrar os vários

lados da questão. Consequentemente, o cumprimento de prazos pré-estabelecidos, como no caso de um jornal diário, não podem ser considerados. Conforme aponta Sequeira:

(...) pode-se concluir que o repórter investigativo, que precisa de tempo para apurar suas histórias, suas fontes de informação e checar documentos, é uma peça destoante da engrenagem. Consequentemente, a reportagem investigativa torna-se rara nas páginas de nossos jornais diários (SEQUEIRA, 2005, p. 41).

O que acontece em grande parte dos jornais de pequeno porte é a publicação de notícias que se resumem em *releases* produzidos pelas assessorias de imprensa. Nesses casos o repórter recebe o material oficial e acrescenta somente alguns dados ao invés de verificar as fontes, e dar o seu próprio enfoque comprometendo a construção da matéria.

O exemplo mais freqüente disso é o aproveitamento de releases ou material vindo de agências noticiosas nacionais e internacionais, aos quais são feitas modificações superficiais, estilísticas ou acompanhadas de algum suporte visual. Dessa forma, a estruturação da peça e o tamanho da notícia já vêm predeterminados na fase de recolha e o jornalista limita-se a uma função de ajustamento marginal (WOLF *apud* SEQUEIRA, 2005, p. 36).

Ciro Marcondes Filho (2000) cita em suas pesquisas que, a partir de 1970, houve algumas transformações nos processos produtivos das redações. Ele acredita que essas transformações ocorreram principalmente com a criação e o vasto crescimento das assessorias de comunicação privadas e públicas. A mediação das assessorias de imprensa, no fazer jornalístico, gerou um apanhado grande de material nas redações, acabando por confundir a informação jornalística produzida pela equipe do jornal. Para o autor, esse fato levou, já no princípio dos anos 70, ao que chama de acomodação das equipes de reportagem.

Embora a expressão jornalismo investigativo seja muito usada popularmente não só pelos profissionais como também pela população, a prática enfrenta resistência dentro das redações dos veículos. Por se constituírem em reportagens longas e que, muitas vezes, não obtêm espaço em veículos de circulação diária, a grande maioria dessas publicações aparece em forma de documentários ou até mesmo em edições especiais, dependendo da mídia que o veicula. Dentre os temas que obtêm maior destaque no jornalismo investigativo estão os inquéritos policiais, as denúncias políticas, fraudes e grandes reportagens e histórias de interesse humano. Esse tipo de trabalho destoa da montagem de notícias factuais.

Segundo o repórter Antonio Carlos Fon<sup>17</sup>, os bons jornalistas investigativos estão afastados das redações por não conseguirem se encaixar na nova lógica que impera no jornalismo brasileiro. Segundo Sequeira: “as reportagens investigativas estão na contramão do fluxo de informação, quer pela apuração entre as fontes utilizadas, quer pelo tempo de que o repórter necessita para concluir seu trabalho” (SEQUEIRA, 2005, p. 38). É este processo que diferencia a reportagem investigativa dos outros tipos de reportagem.

No entanto, os procedimentos para se desenvolver uma reportagem investigativa variam de profissional para profissional. Mas o alicerce de uma boa matéria parte de um estudo profundo do tema escolhido e vai até a interpretação dos possíveis desdobramentos que ele venha a ter. Conforme Lage,

Programa-se geralmente a pauta de reportagem a partir de fatos geradores de interesse, encarados de certa perspectiva editorial. Não se trata apenas de acompanhar o desdobramento de um evento, mas de explorar as suas implicações, levantar antecedentes – em suma, investigar e interpretar (LAGE, 2003, p. 39).

Portanto, é preciso um trabalho de planejamento de apuração, de busca por documentos e fontes para a confirmação dos dados que se pretende publicar. O repórter deve consultar as bibliografias existentes e especialistas no assunto. De posse dessas informações, poderá fazer o seu levantamento documental e definirá quais fontes utilizará. O próximo passo é organizar sua metodologia de trabalho e as estratégias de apuração que serão usadas.

Cada repórter tem sua própria metodologia e escolhe sua forma de trabalhar, mas o que é comum aos repórteres investigativos é a sensibilidade. Esse sentido é que vai levar o repórter a descobrir novos enfoques, a perspectiva de desvendar um mistério ou uma notícia que passa despercebida e, a partir dela, desenvolver sua reportagem. Segundo Lage, o repórter é mais do que um agente inteligente, autônomo e hábil. Ele modela a realidade com base no que constrói a sua matéria: “pode-se chamar isso de intuição, faro ou percepção. Mas nada tem de mágico ou misterioso: é apenas uma competência humana que, como todas as outras, pode ser aprimorada pela educação e pelo exercício” (LAGE, 2003, p. 28).

Para o repórter investigativo Percival de Souza a diferença está nos métodos de apuração empregados, onde existe um tipo de jornalismo em que o repórter precisa batalhar pelas informações, desenvolver técnicas próprias de apuração, ter uma metodologia para construir a reportagem (SOUZA *apud* SEQUEIRA, 2005). Nesse sentido, Sequeira vê na

---

<sup>17</sup> Jornalista, ganhador do Prêmio de Jornalismo Vladimir Herzog da Anistia de Direitos Humanos em 1978, 1979 e 1980.

eficácia uma variante importante para o sucesso da ação jornalística por desencadear a busca de novas formas de discurso que dêem conta do trabalho jornalístico na sociedade. Já Santoro (2004.), resume as características da investigação jornalística:

La realiza el periodista, y no la justicia, la policia o particulares interesados; se realiza superando los obstáculos que presente algún poder interesado em mantener oculta la información; sus temas interesan a la opinión pública y dejan de lado la vida privada de las personas. ( SANTORO, 2004, p. 25).

Para a realização do trabalho investigativo, o repórter sempre necessitará de informações oriundas de instituições ou de pessoas físicas, através de um testemunho ou da sua participação em algum evento de interesse público São essas informações que complementarão sua matéria. A essas pessoas ou instituições, chamamos fontes.

Ao fim dos anos 60 os repórteres eram invejados por suas agendas de telefones. A confiança das fontes é algo individual e intransferível, contudo a internet abriu espaço para a rápida troca de informações e hoje jornalistas recorrem a listas de discussões e redes de informações para pedir indicações de sites, fontes, e-mails e telefones. VASCONCELOS (2008).

Para organizar e melhor entender o processo de apuração alguns autores criaram uma classificação, uma espécie de tipologia. Nesse contexto, seguimos a classificação proposta por de Nilson Lage (2001). O autor classifica as fontes e as divide em pessoais, institucionais e documentais, que podem ser sub-divididas em oficiais, oficiosas, independentes, primárias, secundárias; testemunhos e *experts*. Para o autor as fontes oficiais são aquelas mantidas pelo estado, instituições ou empresas; as oficiosas estão ligadas a uma entidade ou indivíduo que não estão autorizados a falar em seu nome. As fontes independentes estão desvinculadas de qualquer relação com o poder. Já as primárias são as que podem fornecer informações principais, como fotos, versões e números, e dentre as fontes secundárias estariam as utilizadas para a preparação de uma pauta jornalística. Lage acrescenta as fontes testemunho, que são as pessoas que testemunharam algum fato, acontecimento; e as *experts*, tidas como fontes que fornecem versões ou interpretações de eventos. Dessa forma, o autor resume a relação repórter-fonte como uma relação que deve ser cordial e correta: “trata-se inegavelmente de uma troca, mas o que deve ser trocado é sempre informação, nada mais. Nem o repórter se transformará em agente da fonte nem o contrário”. (LAGE, 2003 pág. 95)

No jornalismo investigativo, particularmente, a busca por fontes exige que o

profissional não se fixe em situações óbvias e, sim, procure informações nos lugares e fatos que lhe pareçam irrelevantes. Além da coleta de dados e de pesquisas documentais, que se fazem necessários na maioria dos casos, o repórter deve estar atento a todas as possibilidades de encontrar novas fontes. Na maioria dos casos, é a partir de uma boa observação que se sustenta uma investigação. Segundo Fortes: “O olho do repórter investigativo tem que suplantar a pura curiosidade, assumir um quê de detetive mesmo” (FORTES, 2005, p. 34).

Para Santoro (2004), os tipos de fontes são dois: as verbais e as escritas, ou documentais. O autor salienta que nos países latino-americanos, os jornalistas consultam somente as primeiras, talvez para trabalhar menos ou então por não saber como conseguir e como usar as segundas.

Tendo em vista a dificuldade em lidar com as fontes é imprescindível que o repórter tenha discernimento para identificar quais são os verdadeiros objetivos de determinada fonte ao lhe transmitir informações. Em certos casos a fonte em questão tem motivos pessoais e pode prejudicar as investigações e o próprio repórter.

Portanto, quando se trata de um dado para se publicar, deve-se duvidar sempre, selecionando, checando e adaptando ao contexto através das técnicas jornalísticas, toda informação advinda de uma fonte. Leandro Fortes enfatiza o quanto o repórter investigativo deve se caracterizar por buscar fontes e documentos originais sobre os quais se determina a notícia, baseando sua apuração em ações diferenciadas.

O que da conotação investigativa ao todo nada tem a ver com a rotina do noticiário, mas com a perspectiva de corôá-lo com momentos de grande diferença, função que já foi primordialmente ligada ao furo, mas que cada vez mais está conectada a ações diferenciadas em áreas específicas do espaço público (FORTES, 2005, p. 15).

A reportagem investigativa não é uma atividade individual ou isolada. Da sugestão da pauta até a edição da reportagem há o envolvimento de profissionais de diferentes áreas da redação e da organização jornalística. Esse envolvimento proporciona suporte administrativo para pesquisas, material de apoio e em alguns casos aconselhamento jurídico (VASCONCELOS, 2008). Portanto, a autonomia financeira é essencial, pois se o veículo não pode se sustentar, a investigação fica comprometida. Nos jornais de pequeno porte e de interior não existe esta estrutura financeira e os veículos acabam por ceder às pressões orçamentárias. A grande maioria das empresas jornalísticas precisa do respaldo da publicidade para se manter. Porém, é importante que não limitem a atuação de seus

repórteres em relação aos grupos que alimentam o setor de anunciantes. O melhor caminho seria conciliar os interesses comerciais com os do jornalismo investigativo.

O perfil do profissional exigido pelo mercado marginaliza o repórter investigativo e as redações optam por textos enxutos, curtos, superficiais, fragmentados em blocos, visando uma melhor diagramação e visualização. Existem limitações de espaço e orçamentárias nos veículos, o que dificulta a técnica do jornalismo investigativo. Para o jornalista Carlos Fon, o que deveria acontecer seria exatamente o contrário, ou seja, caberia à mídia impressa aprofundar os acontecimentos. Do ponto de vista de Marcondes Filho, hoje não existe um fio condutor na narrativa do repórter, as informações chegam ao leitor em forma de blocos informativos, sem que exista ligação entre eles. O autor acredita que este fato dificulta que o leitor faça a ligação entre a história que lhe está sendo narrada ao seu contexto. O ideal seria que uma informação complementa, amplie, de forma lógica, associando-as de forma linear, e não difusa.

Sequeira, baseada nas análises de Wolf, destaca que as reportagens investigativas estão na contramão do fluxo da informação, quer pela apuração entre as fontes utilizadas, pelo tempo de que o repórter necessita para concluir seu trabalho, ou pelo tamanho das reportagens investigativas, geralmente extensas, pois necessitam, também, de espaço para a publicação de documentos, provas e declarações, que dão credibilidade às denúncias.

Na maioria dos casos investigados, o profissional tem que lançar mão de estratégias tidas como nada ortodoxas, como por exemplo, trabalhar disfarçado, infiltrado em algum local sob suspeita, ou então realizar gravações sem o conhecimento da pessoa que está sendo entrevistada. O repórter Fernando Rodrigues relata que também utilizou estes mecanismos quando precisou fazer uma reportagem onde tentou provar que o governo Fernando Henrique Cardoso estava pagando a deputados para que votassem a favor de sua reeleição. Após inúmeras tentativas, o jornalista convenceu uma fonte a realizar gravações das negociações da compra dos votos, “na condição de não ter o seu nome divulgado”. Rodrigues pediu à fonte que não forçasse nenhuma declaração e as gravações só serviriam se fossem conversas informais. No dia 13 de maio de 1997, a reportagem foi publicada no jornal *A Folha de São Paulo* e Rodrigues garante que todos os princípios éticos da profissão foram respeitados (SEQUEIRA, 2005).

Atualmente, com a miniaturização dos equipamentos de registro de voz e imagem, proliferaram-se processos jornalísticos que obtêm informações de forma oculta através destes meios. O uso de câmera escondida, porém, deve ser feito com cautela, pois a menos que se trate de uma investigação de interesse público, o direito à privacidade das pessoas deve ser

respeitado. Nestes casos, é obrigação do repórter ter em mãos provas documentais e informações que justifiquem sua denúncia ou tema da investigação.

Esse tipo de procedimento ainda é muito discutido e criticado, mas, na opinião de Santoro, a relevância do assunto pode ser decisiva na hora de optar.

Existen recursos como las infiltraciones, directa e indirecta, en la organización a investigar. La primera no es éticamente recomendable, porque el periodista engana a sus interlocutores; pero en definitiva se trata de una decisión personal en la cual pesa el valor de lo que se investiga y la posibilidad de que no se pueda acceder al hecho por métodos convencionales (SANTORO, 2004, p. 80).

Para o jornalista Felipe Pena, a situação não é tão simples: “Pessoalmente, não consigo acreditar no sórdido argumento de que os fins justificam os meios. Denunciar uma ilegalidade por meio de outra ilegalidade me parece uma lógica idiota” (PENA, 2006, p. 202).

O jornalista Leandro Fortes acredita no uso do bom senso e honestidade:

O fato é que esta questão tem dois tratamentos, e em ambos deve-se valer do princípio da honestidade de quem faz, das circunstâncias da reportagem, da intenção da pauta e dos limites que o bom senso e a ética impõem (FORTES, 2005, p. 53).

Esta questão é importante por ser característica do trabalho de Giovanni Grizotti. O repórter é um dos profissionais de jornalismo investigativo mais premiado do Brasil<sup>18</sup> e seu trabalho se diferencia pelo uso de equipamentos como câmeras escondidas e estratégias de apuração próprias, como o trabalho disfarçado ou infiltrado. Grizotti, em um dos textos publicados em seu weblog, salienta que fazer jornalismo investigativo não é simplesmente reproduzir documentos oficiais e sim apresentar provas e defende que a câmera escondida é usada sempre que há interesse público em determinada investigação<sup>19</sup>.

### 2.3 A função social da investigação

Sabemos que a informação é um instrumento que proporciona o exercício da

---

<sup>18</sup> Giovanni Grizotti tem mais de 35 prêmios de jornalismo, entre os quais os dois maiores do Brasil: o Prêmio Esso Especial de Telejornalismo e o Prêmio Imprensa Embratel de Reportagem Investigativa, ambos conquistados no ano de 2006, pela série de matérias intitulada *A Farra dos Vereadores Turistas*, veiculada na RBSTV. O jornalista também coleciona o prêmio de Menção Honrosa Vladimir Herzog, o prêmio mais importante dos direitos humanos, o prêmio principal em rádio Vladimir Herzog, prêmios da Associação Riograndense de Imprensa (ARI) e prêmios da Confederação Nacional de Transporte.

<sup>19</sup> Texto publicado no weblog *Direto da fonte*, intitulado *As razões da câmera escondida*, em 30 de maio de 2010. <http://www.clicrbs.com.br/diretodafonte/>. Acesso em 31 de maio de 2010.

cidadania. Para tanto, servir à comunidade tem que ser um dos princípios éticos do jornalista investigativo. Nesse sentido a imprensa tem o papel de dar a visibilidade dos acontecimentos à população, colaborando para o exercício da democracia.

Para o jornalista Felipe Pena, “esse deve ser o grande benefício do jornalismo investigativo: promover questionamentos e debates sobre as consequências das matérias produzidas e, assim, contribuir para o aperfeiçoamento da democracia” (PENA, 2006, p. 201).

Há muito os meios jornalísticos contribuíram para a ocorrência de várias modificações sociais, sejam elas de cunho político ou econômico. Tomemos como exemplo os constantes casos de escândalos e corrupção envolvendo políticos no governo. Nestes casos, a mídia não só denuncia como mantém o público informado sobre o decorrer das investigações, o que, de certa forma, pressiona a polícia e o poder público para que tomem providências pertinentes. É a comunidade tornando-se testemunha dos acontecimentos que afetam a sociedade.

Para o jornalista Jorge Pedro Souza, os meios de comunicação participam de toda a estrutura da comunidade.

“[...] os meios jornalísticos tomam parte da estrutura política dessa sociedade tanto quanto tomam parte da estrutura social, econômica, histórica e cultural da comunidade em que se inserem e na qual se desenvolveram” (SOUZA, 2002, p. 122).

O ambiente social e cultural têm influência no processo de seleção e produção da informação, as notícias transportam os enquadramentos em que foram produzidas. O olhar do jornalista deve estar atento a tudo o que pareça relevante e irrelevante para a informação. Bourdieu *apud* Traquina (2005, p. 77) afirma: “Os jornalistas têm os seus óculos particulares através dos quais vêem certas coisas e não outras, e vêem de uma certa maneira as coisas que vêem”. O jornalista se institui como profissional com a habilidade de discernir o que é notícia do que não é.

Nesse sentido, Barbie Zelizer (2000) em seus estudos, trabalha o conceito de *comunidade interpretativa* para caracterizar a ação profissional dos jornalistas. A professora entende como comunidade interpretativa um grupo unido pelo discurso partilhado, pelas interpretações coletivas de acontecimentos públicos relevantes. Essa comunidade é criada através do discurso jornalístico, e este discurso se expressa a partir de uma narrativa já definida através de códigos profissionais.

Em suas rotinas de produção os jornalistas dão ênfase a códigos instaurados na narrativa, como a objetividade e o equilíbrio, não admitindo que haja uma construção da realidade na hora de apresentar os enquadramentos da notícia. A concepção que um jornalista tem do exercício da profissão e a forma como ele entende que ela deva ser exercida são constituídas e influenciadas pelas práticas já vigentes que carregam seus códigos próprios de uma cultura jornalística já interiorizada historicamente. Dessa forma acontece também com os valores do jornalismo investigativo que acabam sendo absorvidos pela cultura profissional no momento em que essas práticas se naturalizam através de coberturas de grandes acontecimentos, como o caso Watergate, que traçou um padrão para a atividade do jornalista investigativo (ZELIZER, 2000).

Sequeira alerta para a questão de que a reportagem surge quando menos se espera:

Uma nova reportagem pode nascer a qualquer momento, oriunda de um fato que lhe chame atenção, de um personagem forte, ou ainda, da vontade de denunciar uma injustiça ligada a qualquer área – policial, política, econômica – que esta sendo escondida da população brasileira (SEQUEIRA, 2005, p. 115).

O compromisso do jornalismo investigativo é trabalhar pela divulgação das informações. Na visão de Sequeira: “o jornalismo investigativo tem como função desvendar as causas, as origens de um acontecimento, sem nunca ficar limitado ao factual” (SEQUEIRA, 2005, p. 112). No entanto, a imprensa não deve exercer o papel da investigação policial, ela deve sim, prestar serviço à comunidade, denunciando o que não está funcionando, ou o que está violando a lei.

Dines (1986, p. 92) salienta a importância da responsabilidade na hora de denunciar:

O jornalismo investigativo não é apenas jornalismo de sensações ou escândalos. Relaciona-se com o jornalismo interpretativo ou analítico, pois, ao inquirir sobre as causas e origens dos fatos, busca também a ligação entre eles e oferece a explicação de sua ocorrência. Ao praticá-lo, necessariamente, não se obriga a postura de denúncia. Ele pode comportar uma atitude grave, estudiosa e, sobretudo, responsável.

Para Pena, nos últimos anos, uma onda de denunciismo tomou conta da imprensa em todo mundo. Na busca incessante pelo furo, repórteres antecipam-se ao trabalho do judiciário e acabam produzindo julgamentos públicos. Para o autor, isso não é jornalismo investigativo (PENA, 2006). Investigações preliminares tratadas como condenações públicas definitivas ajudam a alimentar a indústria das indenizações.

Santoro acrescenta que a sociedade acredita que a imprensa deve assumir um papel

de órgão fiscalizador. Na realidade, a função dos jornalistas é denunciar e comprovar.

Em algunas circunstancias, em los países de América Latina la sociedad civil empuja a la prensa a ocupar el rol de fiscal de la corrupción. Pero los periodistas tenemos em realidad um papel claro y distinto: volver visibles hechos comprobables. Imputar a personas la comisión de delitos no es asunto nuestro (SANTORO, 2004, p. 126).

Este gênero jornalístico só pode existir num contexto de liberdade, portanto, não existe jornalismo investigativo sem democracia. Ser um jornalista investigativo consiste em desempenhar a função com imparcialidade. Souza considera que a obrigação do jornalista é com os leitores, por isso temos que oferecer a maior quantidade possível de dados e pelo menos uma fonte, para que eles possam saber de que setor provém o que publicamos, mostrando sempre todas as versões existentes.

(SOUZA, 2002, p. 45).

Segundo Santoro, um problema central da prática é encontrar um modo de exercer esta função de uma espécie de guardião da democracia somando-se as tradições estabelecidas pela doutrina da responsabilidade social da imprensa: informar, formar, e entreter. É importante sempre ouvir todos os lados da questão, inclusive da pessoa investigada, dar espaço em nosso veículo para que o investigado apresente sua versão, mesmo que saibamos que suas informações sejam inverossímeis (SANTORO, 2004). Ele justifica:

La justicia no solo puede ser una fuente, sino también una aliada para conseguir información-siempre con la debida distancia intercambiando datos con el juez o el fiscal. También puede convertirse en el terreno donde el investigado intentará llevar al periodista para frenar su investigación o silenciarlo (SANTORO, 2004, p. 272).

É preciso muito cuidado antes de divulgar um caso. O exemplo mais eloquente de engano no jornalismo investigativo é o da Escola Base, um acontecimento triste que marcou a história do jornalismo. Em 28 de março de 1994, Lúcia Eiko Tanoi e Cléa Parente, mães de crianças entre quatro e cinco anos, registraram queixa na delegacia do bairro Cambucci, alegando que seus filhos estavam sendo molestados sexualmente na escola e talvez até mesmo levados para orgias em motéis, onde seriam filmados e fotografados. Edécio Lemos, delegado, e grande parte da mídia acataram a denúncia das mães como fato comprovado, o que ao final do inquérito provou-se o contrário: os réus eram inocentes. O que aconteceu com as vítimas do caso Escola Base foi uma espécie de assassinato social, eles perderam a

paz isolando-se da comunidade.

Nesse episódio, a mídia espetacularizou o acontecimento, que se originou de uma denúncia que não foi bem apurada pelos órgãos responsáveis. Manchetes e notícias sensacionalistas alarmaram e chocaram a população. A partir de então, polícia, imprensa e comunidade julgaram e condenaram os envolvidos que acabaram provando ser inocentes, mas que tiveram suas vidas destruídas.

Muitos jornalistas investigativos colecionam processos, mais uma característica que os diferencia dos colegas de outras especialidades, que não enfrentam riscos legais constantemente. Isto ocorre porque este tipo de jornalismo não se sustenta somente por declarações, é preciso apresentar documentos e utilizar estratégias que comprovem as denúncias.

Para Francisco José Karam, os fins justificam os meios quando o assunto é de interesse público, afinal, utilizar disfarces ou câmeras ocultas, pode significar a revelação de casos de maus-tratos como também podem desvendar torturas de um regime militar. Segundo Karam, nestes casos, os métodos chamados ilícitos, acabam por tornarem-se lícitos. Ainda seguindo essa linha de pensamento, Karam acredita que a consciência do profissional deve levar em conta a dimensão pública de sua atividade, com as conseqüências sociais, responsabilidades e compromisso com a verdade que exige (KARAM, 1997).

É o próprio jornalista quem avalia e decide se deve ou não utilizar esses métodos. O modo de agir diante das diversas estratégias existentes para a realização de uma investigação é mais uma questão de consciência do profissional do que uma imposição do veículo no qual trabalha. Ele deve analisar aspectos como a relevância da investigação, o interesse público e a repercussão do assunto para que seus métodos de certa forma se justifiquem. Sem estas precauções a credibilidade do jornalista com o seu leitor fica comprometida. Ou seja, é preciso que o público encontre indícios da importância da utilização de métodos questionáveis, ou então a revelação feita na reportagem corre risco.

Sequeira concorda que o jornalista deve se certificar da importância social de sua investigação antes de lançar mão de estratégias próprias.

É nessa hora que os profissionais são obrigados a utilizar estratégias que às vezes arranham o código de ética dos profissionais, como a infiltração em locais onde os fatos estão acontecendo e o uso de identidade falsa e gravações ocultas em busca de provas documentais. A prova documental, além de enriquecer e dar credibilidade aos fatos, evita que o repórter, durante a investigação, deixe alguma brecha que possa representar um processo judicial para o veículo (SEQUEIRA, 2005, p. 187).

A avalanche de notícias e denúncias tem colocado em discussão a questão dos limites entre a liberdade de expressão, a liberdade de informação e a privacidade dos cidadãos. O conflito entre o interesse público e o direito a privacidade é um desafio para jornalistas e julgadores.

Para Michael Kunczik, o objetivo para a criação de códigos e regulamentos é transformar o jornalismo em uma profissão mais independente do controle legal. Ele acredita que se a reportagem atender aos princípios éticos, os indivíduos e os grupos que são objeto da reportagem não poderão exercer nenhuma pressão sobre os jornalistas (KUNCZIK, 2002).

Pena cita exemplos de reportagens que prestaram um serviço público ao país, como o caso dos policiais que espancavam cidadãos na Favela Naval, em Diadema, São Paulo. As cenas que foram usadas na denúncia foram gravadas por um cinegrafista amador. Também o caso da clínica Genoveva, no Rio de Janeiro, onde idosos vinham sendo maltratados pelos administradores do local, que recebiam dinheiro público. Nesse caso, um repórter gravou imagens utilizando uma câmera escondida, levando o caso ao conhecimento público.

Na opinião de Pena, como os resultados dessas reportagens contribuíram para o “aperfeiçoamento da democracia”, os limites éticos foram muito pouco discutidos. Mas precisam ser. O jornalismo investigativo é uma das formas mais eficazes que a imprensa tem para se aproximação da justiça. Se exercido com responsabilidade, pode ser mais do que uma prática profissional: pode ser um instrumento cívico (PENA, 2006, p. 204).

Portanto, ainda que a Lei nº 5.250 de 09 de fevereiro de 1967, conhecida como a Lei de Imprensa<sup>20</sup>, estabelecesse em seu artigo 1º que “é livre a manifestação do pensamento e a procura, o recebimento e a difusão de informações ou idéias, por qualquer meio e sem dependência de censura respondendo cada um, nos termos da lei, pelos abusos que cometer”, era imprescindível que o profissional tomasse cuidados quanto às imputações jurídicas que poderia vir a sofrer. Como foi considerada inconstitucional e, portanto, revogada pelo Supremo Tribunal Federal (STF) em 30 de abril de 2009. A partir de então, os casos atinentes à atividade da imprensa estão submetidos à Constituição da República e aos

---

<sup>20</sup> O Supremo Tribunal Federal (STF) derrubou, em julgamento encerrado no início dia 30 de abril de 2009, a Lei de Imprensa, uma das últimas legislações do tempo da ditadura que continuavam em vigor. Num julgamento histórico, 7 dos 11 ministros do STF decidiram tornar sem efeitos a totalidade da lei ao concluírem que ela, que foi editada em 1967, era incompatível com a democracia e com a atual Constituição Federal. Eles consideraram que a Lei de Imprensa era inconstitucional.

Códigos Penal e Civil deste país.

Na busca pela ética e a responsabilidade dentro da profissão, foi criado em 1987, o código de Ética dos Jornalistas, composto por 27 artigos, aos quais deve subordina-se a atuação profissional. Dentre os artigos existentes, vale ressaltar os que mais se aplicam e que devem ser observados com maior frequência pelos profissionais que praticam o jornalismo investigativo:

*Artigo nono, ítem G: “É dever do jornalista: respeitar o direito a privacidade do cidadão”, Artigo sétimo: “O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos, e seu trabalho se pauta pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação”; artigo nono, deveres do jornalista, ítem F: “o jornalista deve: combater e denunciar todas as formas de corrupção, em especial quando exercida com o objetivo de controlar a informação”. Artigo 11: “o jornalista é responsável por toda a informação que divulga, desde que seu trabalho não tenha sido alterado por terceiros”; artigo oitavo: “sempre que considerar correto e necessário, o jornalista resguardará origem e identidade de suas fontes de informação” e o artigo 15: “o jornalista deve permitir o direito de resposta às pessoas envolvidas ou mencionadas em sua matéria, quando ficar demonstrada a existência de equívocos ou incorreções.”*

O jornalista Leandro Fortes comenta o Código de Ética do Jornalismo Brasileiro:

É um texto em formato burocrático, sem charme ou beleza de estilo, com jeitão de lei, enumerado a partir de artigos, incisos e parágrafos (...) No mais, trata-se de um código carregado de obveidades e circunlóquios sobre o que supostamente pode ou não pode um jornalista fazer, além dos tramites e punições a ele reservado no caso da quebra de algumas regras. Não lembro de nenhum só caso que foi apreciado, tramitado e punido a partir desse código (FORTES, 2005, p. 23).

Na realidade, estas leis e artigos foram criados, para que os jornalistas exerçam sua profissão, auxiliando a sociedade, mas trabalhando em suas funções, sem inverter papéis. Ou seja, exercer a função de informar não interferindo na função da polícia, ou do Estado, de julgar e condenar pessoas.

Conforme Vasconcelos; “repórter não é policial, redator não é promotor e editor não é juiz” (VASCONCELOS, 2008, p. 141). Questão que requer atenção principalmente na prática de reportagens investigativas, onde um dos maiores desafios do jornalista é o conflito entre o interesse público e o direito a privacidade.

## **2.4 Gêneros e contrato de leitura**

O que faz uma pessoa ao ler um livro, ver um programa de TV ou acessar um site? O que faz o autor para que seu livro, programa seja visto por um público determinado? A

resposta para essas questões passa pelo conceito de "contrato de leitura". O contrato de leitura é implícito a qualquer texto. O assunto e o formato estabelecerão a audiência e a forma pela qual o texto será lido. Este contrato, entretanto, não é sempre consciente.

Em comunicação, os “contratos” são ideais formulados pela produção jornalística visando criar possibilidades de vínculos com o leitor. Para isso, é preciso que os mesmos sejam postos em funcionamento através de estratégias discursivas pelas quais se buscam realizar os contatos entre estes dois pólos.

De acordo com a concepção de Eliseo Verón, o contrato de leitura para a instância de produção, baseia-se num conjunto de “obrigações” ou constrangimentos discursivos a serem respeitados. Já para o destinatário, existe o reconhecimento de suas intenções, por meio das estratégias do enunciador. Com base no processo de enunciação – o “aparecimento” do sujeito no discurso – e da externalização de suas marcas discursivas, a instância enunciativa se posiciona em relação à instância destinatária pretendida. Mediante a semelhança dos produtos, o processo de enunciação pode conferir marcas distintivas ao sistema de produção, levando ao estreitamento dos laços entre as instâncias. (VERÓN, 1985). Da mesma forma, o contrato de comunicação prevê ações que decorrem do contato entre enunciador e destinatário. Para tanto, como indica Charaudeau (1994), são fixados os papéis dos sujeitos-parceiros do ato de comunicação. A concepção geral de um contrato comunicacional, seja ele de comunicação ou de fala, pressupõe, por meio do quadro geral dos constrangimentos, a observação de critérios concernentes à elaboração do texto (ou discurso). Os constrangimentos discursivos tratam de uma previsibilidade quanto aos papéis das instâncias, o que, por fim, induz uma instância a se posicionar discursivamente, tomando por baliza o que seria possível dizer, com base no que se acredita serem as expectativas do outro.

Para Verón, o ponto essencial está no contrato de leitura. Diante da diversidade de discursos, haja vista a similitude dos conteúdos e abordagens, o que difere é a forma de apresentação. As formas de apresentação de um discurso, sedimentadas com o tempo, passam à categoria de tradição, o que facilita a aproximação e o percurso de leitura por parte de seu público. A estrutura de enunciação é o elemento de maior importância nesse processo, onde cada produto se posiciona em relação a seu leitor. O autor define o contrato de leitura como a relação entre o suporte e sua leitura, ou, como os meios procuram construir um vínculo operacional com o receptor.

Na perspectiva de Charaudeau, a base da aproximação entre enunciador e destinatário está no contrato de comunicação, cujo elemento basilar é o quadro de constrangimentos. Na perspectiva discursiva, os constrangimentos atuam como referência

norteadora para a orientação discursiva. Na organização discursiva do webjornalismo, a questão principal está na percepção da orientação discursiva desse ambiente informacional, tendo por base suas potencialidades. As estratégias de simulação do contato são fundamentais para a construção dos efeitos de real. No jornalismo, o conceito de efeito de real é articulado pela inclusão de elementos que ancoram a narrativa, como citações diretas, fotos etc. O tensionamento desse conceito permite criar parâmetros para avaliar as novas estratégias de simulação de contato e de atualidade no contexto das novas mídias.

Antonio Fausto Neto estuda os processos em torno da noção de contrato de leitura e a define como um conjunto de normas e prescrições que um discurso em produção propõe e prevê no sentido de o receptor observá-las como condição de interpretação. Para o autor, esse conceito é interpretado “como operações que visam a estabelecer o ‘modo de dizer’ do jornal e que se explicitam nas mensagens endereçadas ao leitor” (FAUSTO NETO 2007).

“...entendido como operações que visam a estabelecer o ‘modo de dizer’ do jornal e que se explicitam nas mensagens endereçadas ao leitor. Ou seja, os procedimentos pelos quais o jornal apresenta-se e fala ao receptor, segundo regularidades de marcas enunciativas e através das quais busca a construção de um espaço interacional. (...) trata-se da organização dos procedimentos pelos quais o jornal, enquanto sujeito, explicita os vínculos com seus enunciados, descreve a realidade ofertada (...)a produção-distribuição destes textos, no âmbito mesmo do jornal, obedece a determinadas regras que visam, em última análise, à transformação desse processo interno num outro passo, que é o da circulação, ou seja, a instituição de vínculos entre jornal-leitor” (FAUSTO NETO, 2007, p. 10).

Dessa forma o espaço físico do jornal é convertido numa espécie de dispositivo no âmbito do qual se organiza esta estratégia, explicitando tais ideais, estruturando uma noção identitária sobre o lugar da enunciação, submetendo à matéria significativa certos princípios hierárquicos, estruturando um primeiro modo de leitura a ser ofertado ao leitor.

Portanto, o “contrato de leitura” formaliza-se através de textos distribuídos no espaço do jornal e que constituem-se em “pontos de articulação” entre produtores e receptores de mensagens. Os textos que estão reunidos em cada edição de um jornal não são ali organizados de modo aleatório. Sua organização nesta superfície espacial segue um conjunto de regras próprias a cada jornal, enquanto determinadas normas e parâmetros sobre os quais funciona um determinado sistema de produção jornalístico.

Dessa forma, podemos afirmar que não existem normas universais sobre as quais se estruturam o modo jornalístico de apresentar a realidade. Tal processo se dá mediante a eleição de cada “contrato” sobre o qual cada mídia estabelece dentre outras coisas, seu

próprio perfil identitário, seus pedidos de reconhecimento, suas possibilidades de reconhecer seus leitores e sua competência discursiva para oferecer-lhes uma noção de mundo.

Charaudeau (2006) sistematiza os elementos do contrato de comunicação. Para o autor, este contrato está modulado por dados externos e internos. Os dados externos definem a situação de troca entre os sujeitos que, em sua concepção, são o sujeito falante e o destinatário. Esses dados dizem respeito a quatro condições: Condição de identidade, em que importa saber “quem troca com quem”; uma condição de finalidade, em que importa saber o objetivo da troca comunicacional; uma condição de propósito, onde é preciso considerar do que se trata a comunicação; uma condição de dispositivo, que considera o ambiente em que esta troca se dá, ou seja, as condições de produção do discurso, as técnicas e suportes utilizados. Ou seja, os dados externos do contrato levam em conta “quem diz e para quem”, “para quem se diz”, “o que se diz” e “em que condições se diz”.

Em contrapartida os dados internos referem-se a “como se diz” e se estabelecem em três espaços: um espaço de locução, em que o sujeito que enuncia se impõe como falante a partir de legitimidade e autoridade; um espaço de relação, em que o sujeito falante, ao estabelecer sua própria identidade e a identidade do destinatário, constrói relações, isto é, de inclusão e exclusão, de agressão e convivência; um espaço de tematização, no qual são tratados os domínios do saber, por meio de um modo de organização discursivo particular, e aqui caberiam os modos descritivo, narrativo e argumentativo, por exemplo.

Márcia Benetti acredita que embora esta sistematização não seja totalmente adequada ao referencial da AD, o conceito de contrato de comunicação permanece válido, e seus elementos são pertinentes para analisar o jornalismo como um gênero discursivo. Para a autora é no reconhecimento das regras de um discurso que se constitui um gênero, configurando os sistemas de formação foucaultianos. Para pensar o gênero jornalístico, é preciso considerar a totalidade desses elementos. (BENETTI, 2007).

A produção do discurso jornalístico se dá em um ambiente com configurações bastante específicas. Charaudeau trabalha essa questão e a denomina de condição de dispositivo, isto é, sob que condições um discurso é constituído. O autor refere-se aos constrangimentos políticos, econômicos, estruturais, hierárquicos e temporais a que o jornalista submete-se em sua rotina de trabalho e que tem influência direta em suas escolhas. Além disso, questões técnicas e relativas ao suporte de produção do discurso, bem como o acesso às fontes também se mostram decisivas para a constituição do gênero. (BENETTI, 2007) O que pouco se conhece, nos estudos de jornalismo, são as condições de constituição do discurso no ambiente da interpretação, pelo leitor real.

Durante nosso processo analítico nesta pesquisa, nos deteremos no “como se diz”, último elemento do contrato, citado por Charaudeau e que se refere a uma série de estratégias discursivas, focadas essencialmente na garantia do efeito de verdade e da credibilidade de quem enuncia. Está incluída nessa estratégia a estrutura textual, a pluralidade de versões, a especialização de quem fala o recurso da objetividade. O que Gaye Tuchman compreende como o ritual estratégico utilizado pelo jornalista. (TUCHMAN, 1993). É este saber narrar, estruturar a narrativa seguindo um padrão de continuidade que seja operacional para o jornalista que é reconhecido como gênero pelo leitor.

Antonio Fausto Neto (2001) pesquisa sobre as mudanças na esfera midiática em relação à “emergência” e aos novos “formatos” que este campo vem permeando. Sobre esta complexidade e seus efeitos ele explica que as transformações da enunciação jornalística a partir do impacto nela provocado pela passagem da “sociedade dos meios” para “sociedade midiaticizada”. Segundo as considerações do autor, estão em curso agora mudanças das marcas de uma “enunciação representacional” para uma “enunciação de autorreferenciação” midiática.

O campo jornalístico abandona os contratos cujo enfoque estava diretamente voltado para textos nos quais enfatizavam seu trabalho de construção da realidade destinada aos leitores. Atualmente esse deslocamento passa a priorizar estratégias de “pedido de atenção” sobre as próprias regras e operações em que produz a realidade. A este fenômeno chamamos discurso de autorreferencialidade. Essa problemática já vem se manifestando na mídia de diferentes formas. Conforme a categorização proposta por Fausto Neto, “segundo diferentes estratégias no cotidiano do jornalismo, resultando a emergência de uma *galeria* em que se consagra e se celebra este novo modo enunciativo de construção da atualidade”. (FAUSTO, 2001).

Entram neste processo estratégias de reformulações de contratos que envolvem estratégias de autorreferencialidades. Para este estudo, usaremos a categorização de estratégias de Fausto Neto. De acordo com o autor, são realizados dois movimentos:

Estratégia de *consagração* e de *celebração*, onde a estratégia é esquematizada em torno de duas operações: faz a apresentação de um “caso” como o mote em que descreve seu processo produtivo, destacando sua metodologia, as regras de trabalho, o papel dos atores e dos setores encarregados das atividades, tratando de dar visibilidade aos próprios atores da notícia. Em seguida, reflete sobre o “caso” produzindo uma teorização sobre a atividade, tratando de justificá-la no contexto da edição e, conseqüentemente, de legitimar a performance deste sistema de operação.

Estratégias de atorização, nessa condição o contrato desloca o leitor não mais para as cenas dos acontecimentos preparadas pelas reportagens, mas o faz mergulhar na própria descrição do trabalho de produção da realidade, segundo operações enunciativas autorreferenciais.

### **3 WEBJORNALISMO OU JORNALISMO NA WEB - UM NOVO CENÁRIO. UMA NOVA PRÁTICA.**

A ação profissional dos jornalistas se insere hoje em um patamar onde são introduzidas novas formas de rotinização do trabalho, novas práticas e novas formas de linguagem. O cenário onde essas práticas se consolidam é o ambiente virtual, em que o jornalismo ganha força e espaço. Embora já tenhamos cerca de dez anos de webjornalismo, ainda podemos entendê-lo como um fenômeno recente, visto que as tecnologias avançam em ritmo acelerado fazendo com que nossas observações recaiam sobre os novos produtos oriundos desse crescimento.

O webjornalismo explora as potencialidades que a internet oferece buscando produzir um novo e mais completo produto. Dessa forma, entendemos como um movimento de constituição de novos formatos midiáticos e não como um processo evolucionário linear de superação de suportes anteriores por suportes novos. Uma articulação complexa e dinâmica de diversos formatos jornalísticos, em diversos suportes, em convivência no espaço mediático. (PALÁCIOS, 2003). Nesse contexto, corroboramos com a reflexão de Palácios, onde o autor destaca como características do jornalismo na web, majoritariamente, *continuidades e potencializações* e não, necessariamente, rupturas com relação ao jornalismo praticado nos suportes tradicionais. Nesse momento é relevante observarmos as práticas desses suportes tradicionais para que possamos acompanhar as transformações que estão ocorrendo na produção jornalística na web e para a web.

A internet disponibiliza espaços ilimitados ao contrário de produtos de mídia como jornal, rádio e TV, onde o repórter convivia com limitações de tempo e espaço. Sem essas limitações, e pelas características da web 2.0, como instantaneidade e interatividade, o jornalismo online permite o acesso a uma memória instantânea e cumulativa.

Apesar da ascensão da utilização da internet para fins jornalísticos diversos termos vêm sendo aplicados não havendo ainda um consenso sobre as terminologias utilizadas quando nos referimos ao jornalismo praticado na internet, para a internet, ou com o auxílio da mesma. Diante disto, Mielniczuk (2003) propõe uma sistematização privilegiando os meios tecnológicos como fator determinante para denominar o tipo de prática jornalística tanto na instância de produção como na de disseminação de informações. Segundo a pesquisadora, o jornalismo eletrônico seria o mais abrangente, sendo que o aparato tecnológico utilizado para o jornalismo em sua maioria é de origem eletrônica. Dessa forma, estaríamos exercendo o jornalismo eletrônico quando utilizamos a aparelhagem eletrônica

seja para capturar ou disseminar informações. Já para a denominação jornalismo digital, seria necessária a manipulação conjunta de dados digitalizados como texto, som e imagem. Quando falamos em ciberjornalismo, devemos envolver as tecnologias que utilizam o ciberespaço, ou seja, jornalismo realizado com o auxílio das possibilidades tecnológicas oferecidas pelo ciberespaço. O termo jornalismo on-line remete a idéia de fluxo de informações contínuo e instantâneo, desenvolvido utilizando tecnologias de transmissão de dados em rede em tempo real. E por fim, webjornalismo refere-se a uma parte específica da internet, que disponibiliza interfaces gráficas, a web.

Podemos observar que todas essas denominações e classificações estão diariamente presentes nas rotinas de trabalho dos jornalistas, conforme ilustra Mielniczuk:

...ao consultar o arquivo da empresa na qual trabalha, o profissional poderá assistir a uma reportagem gravada em fita VHS (jornalismo eletrônico); usar o recurso do e-mail para comunicar-se com uma fonte ou mesmo com seu editor (jornalismo on-line); consultar a edição anual condensada – editada em CD-ROM – de uma jornal (jornalismo digital); verificar dados armazenados no seu computador pessoal (ciberjornalismo); ler em sítios noticiosos disponibilizados na web material que outros veículos já produziram sobre o assunto (webjornalismo) (MIELNICZUK *apud* PALACIOS, 2003, p. 45).

Para esta pesquisa, adotaremos denominação webjornalismo, em concordância com Mielniczuk, por considerarmos a relação da nomenclatura com o suporte técnico, a internet.

Dentre as inúmeras experiências que buscaram desenvolver produtos para o meio nesses dez anos de produção e consolidaram as etapas de desenvolvimento do jornalismo para a web, destacamos a reflexão de Mielniczuk e Palácios (2003). Os pesquisadores adotam a divisão em três categorias pensando as questões relacionadas à produção e disseminação de informações, proposta esta que divide o webjornalismo em três fases: webjornalismo de primeira, segunda e terceira geração.

O webjornalismo de primeira geração contempla a fase em que os produtos são simples cópias de conteúdo de jornais existentes para a web, ou seja, não passavam de transposições de matérias importantes para o espaço da web. Na fase do webjornalismo de segunda geração, o conteúdo, ainda que atrelado ao modelo tradicional de jornalismo impresso, já começa a evidenciar tentativas de explorar as potencialidades específicas do ambiente da web através do hipertexto. Na fase do webjornalismo de terceira geração há o surgimento de iniciativas editoriais e empresariais destinadas à internet, são criados sítios jornalísticos que se diferenciam da idéia de uma versão online do produto impresso já existente. Nessa etapa é nítida a iniciativa de aplicar as potencialidades oferecidas pela web

para fins jornalísticos. Para tanto, são apresentados produtos que apresentam recursos multimídias como som e imagem, recursos de interatividade como os chats, fóruns de discussão e enquetes, visando enriquecer a narrativa jornalística e dando ao usuário a oportunidade de participar em conversas com os jornalistas.

Aproveitando as potencialidades que a rede permite, o jornalismo desenvolvido para a web possui características particulares. Destacamos a caracterização proposta por Bardeel e Deuze (2000), tensionada por Mielniczuk, segundo a qual existem quatro características importantes: interatividade, customização de conteúdos, hipertextualidade e multimídia ou convergência. Marcos Palácios (1999) acrescenta ainda termos como a personalização e memória. No contexto do jornalismo na web, a multimídia refere-se à convergência dos formatos das mídias tradicionais, como som imagem e texto, na narração do fato jornalístico. A personalização é a possibilidade de configurar os produtos jornalísticos conforme os interesses do usuário; a memória, o acúmulo de informações e seu acesso constante na rede, formando uma espécie de memória instantânea e cumulativa. A hipertextualidade é a possibilidade da interconexão de textos através dos links; e a instantaneidade de acesso as informações permite a facilidade na constante atualização do conteúdo informativo.

Os produtos jornalísticos feitos para a web em sua forma geral possuem essas características em suas narrativas, algumas vezes priorizando algumas delas. Para esta pesquisa daremos atenção especial à interatividade, como forma de participação no processo de produção jornalística, visto que nosso objeto de estudo, weblog e twitter, apresentam diversos níveis de interação sejam através de e-mails, de comentários ou postagens realizadas tanto por parte do produtor como do receptor.

### **3.1 Interatividade – uma mudança no esquema clássico comunicacional**

A apropriação tecnológica do homem permitiu o surgimento de novas formas de relação entre homem-máquina possibilitando novas formas de interações no ambiente virtual. Nesse ambiente, se permite o contato direto entre produtor e receptor, onde redes sociais como os blogs e o twitter potencializam essas relações através das formas de interação existentes. No modelo de web 1.0 o editor colocava o conteúdo em um site da web para que o usuário pudesse acessar e ler. Através do modelo 2.0 o usuário não só pode

comentar e colaborar com o conteúdo publicado como também pode publicar material original. (Briggs, 2008).

Raquel Recuero (2004) vê a interação como um elemento de conexão, como a matéria-prima das relações e dos laços sociais onde a ação de um depende do outro. Dessa forma, a interação tem sempre um caráter social relacionado ao processo comunicativo. Estudar a interação social compreende observar a comunicação entre os atores, as relações entre as trocas de mensagens e o sentido das mesmas assim como as trocas sociais dependem das trocas comunicativas. A interação no ciberespaço, ou seja, mediada pelo computador, possui particularidades no processo de interação. Dentre os fatores diferenciais está o de que os atores não se dão imediatamente a conhecer e deste modo não existem pistas sobre a interpretação do contexto da interação. A multiplicidade de ferramentas permite que a interação continue após os atores estarem desconectados do ciberespaço. Sistematizando essas reflexões Recuero, corroborando com a perspectiva de Reid (1991) classifica as interações como síncronas e assíncronas. As interações de forma síncronas simulam a interação em tempo real, criando uma expectativa de resposta imediata. Os atores estão ambos online através da mediação do computador, no mesmo tempo, como em conversas em chats de relacionamento. Já nas interações de forma assíncronas, a expectativa de resposta não é imediata, o ator não está presente no momento como acontece no sistema de e-mails.

No caso de nosso objeto de observação, o blog, Recuero, lembra a atuação da plataforma como transformadora da topologia do ciberespaço, pois “a cada novo post, a cada novo comentário, e a cada novo link, os blogs atuam de modo à reconfigurar a Internet, alterando as redes, criando novos nós e fluxos convergentes, divergentes e complexos” (2004, p.08). Nesse sentido, Lemos (1997) concorda com Palácios ao afirmar que o indivíduo não interage apenas com a máquina, mas também com o conteúdo, ou seja, as informações ao quais ele tem acesso através da máquina. “A tecnologia digital possibilita ao usuário interagir, não mais apenas com o objeto (a máquina ou a ferramenta), mas com a informação, isto é, com o “conteúdo” (LEMOS, 1997, p. 03).

Alex Primo (2000) desenvolve seus estudos em torno dos conceitos de interação na rede diferenciando-as e classificando-as em interação mútua e reativa. Segundo o autor a interação mútua se distingue por ser um sistema aberto e a reativa por ser um sistema fechado. Dessa forma, a mútua se caracteriza pela transformação da relação a cada evento comunicativo. Nesse caso, as ações não independentes. Na interação reativa, os sistemas se fixam na ação e reação, isto é, não existem formas de interferência no processo.

Marcos Palácios prefere a designação de processo interativo, optando pelo termo multi-interativo para nomear o conjunto de processos que envolvem a situação do leitor de um jornal na web. Nos espaços que estudamos tanto o blog produzido pelo jornalista Giovani Grizoti, como sua página pessoal no twitter proporcionam interações assíncronas, seguindo a classificação de Recuero (2004). Já considerando a classificação de Primo (2000) identificamos que ambas as tipologias podem ser encontradas.

Em suas pesquisas sobre interatividade e recepção José Luiz Braga (2006) entende que a interatividade deve ser vista como um processo socialmente construído, utilizando determinadas características dos meios de comunicação, organizado historicamente em torno da geração de determinados produtos de sentido. Dessa forma, a interatividade ultrapassa a situação concreta de espaço e tempo em que alguém produz; ou alguém usa um produto; reage a um produto; ou age de tal maneira que faz chegar às instâncias produtoras suas reações. Para Braga, devemos perceber a interatividade social em uma sociedade de comunicação como um conjunto de todas estas e outras ações de tal forma que uma parte significativa das interações em sociedade se desenvolva em consequência e em torno de mensagens como proposições, textos, discursos de forma diferida no tempo e no espaço.

O pesquisador Marco Silva (2000) vê a interatividade como uma mudança do esquema clássico da comunicação, mais especificamente o autor cita o que denomina como trio básico: emissão-recepção-mensagem. Esta mudança que ocorre com a emergência da modalidade interativa de comunicação. Silva enfatiza a variação no estatuto do receptor em termos de participação e intervenção, onde há uma mudança de papel. Dessa forma o modelo da interatividade não se refere mais como emissão e sim como conteúdos manipuláveis e da ao usuário a possibilidade de modificar o conteúdo.

Percebemos que o jornalismo produzido para o ambiente da web, proporciona novos processos de produção de material jornalístico com características peculiares através de processos interativos. Essa nova estrutura comunicacional é possível pelo progresso tecnológico e o surgimento da web 2.0 que intensifica o domínio e a participação do usuário.

### **3.2 A emergência das redes**

Rede social é gente, é interação, é troca social. É um grupo de pessoas, compreendido através de uma metáfora de estrutura, a estrutura de rede. Os nós da rede

representam cada indivíduo e suas conexões, os laços sociais<sup>21</sup> que compõem os grupos. Esses laços são ampliados, complexificados e modificados a cada nova pessoa que conhecemos e interagimos. Então, redes sociais na internet são grupos sociais e suas interações formam laços sociais que podem ser fracos ou fortes. Essas redes proporcionaram mais voz às pessoas, mais construção de valores e maior potencial de espalhar informações. São teias de conexões e espalham informações, constroem valores diferentes e dão acesso a esse tipo de valor. Valores são chamados de capital social, ou seja, reputação, visibilidade, autoridade, popularidade, informação, sociabilidade. São decorrentes da apropriação e das ferramentas utilizadas pelo ator. (RECUERO, 2005)

Através das reflexões expostas podemos constatar o quanto uma rede social na internet tem potencial para colaborar, mobilizar e para transformar a sociedade. São pessoas que estão utilizando a internet para ampliar suas conexões e construir um espaço mais democrático, amplo, gerando valores como reputação, suporte social e acesso a informação. A rede não é uma ferramenta, mas apropria-se delas para expressar suas identidades, construir seus valores e operar de forma coletiva. Dessa forma, na medida em que as redes ampliaram as possibilidades de conexões, ampliaram também a capacidade de difusão de informações que esses grupos tinham. No espaço off-line, uma notícia ou informação só se propaga na rede através das conversas entre as pessoas. Nas redes sociais online, essas informações são muito mais amplificadas, reverberadas, discutidas e repassadas.

Recuero defende que a expressão redes sociais pode ser resultado do tipo de uso que os atores sociais fazem de suas ferramentas, dos sites de redes sociais, e propõe classificá-las em redes emergentes e redes de filiação. As redes emergentes são as expressas a partir de interações entre os atores sociais, como os weblogs e fotologs<sup>22</sup>, onde os comentários proporcionam a criação de laços dialógicos. São redes constantemente construídas e reconstruídas através das trocas sociais, são menores e mais distribuídas. O principal capital de investimento desses atores é o interesse em fazer amigos e dividir suporte social, confiança e reciprocidade. Já as redes de filiação são redes constituídas de dois tipos de nós – atores e grupos. Elas relacionam-se por conexões de pertencimento, como as listas de amigos do orkut. São estruturadas através do conjunto de eventos ao qual um determinado ator pertence. Representam uma rede mais estável e estática, não pressupõe interação social do tipo mútuo e sim interação reativa com efeito social. São redes grandes porque não tem

---

<sup>21</sup> Segundo a definição de Recuero (2005) laços sociais são as conexões constituídas entre os atores sociais.

<sup>22</sup> Fotologs são sistemas de publicação que possibilitam as usuário publicar fotografias acompanhadas de pequenos textos.

custo para os atores, ou seja, não é preciso interagir para manter a conexão. Esse tipo de rede é maior e menos distribuída, portanto, mais centralizada.

Para Recuero estudar as redes sociais é estudar os padrões de conexões expressos no ciberespaço, é explorar uma metáfora estrutural para compreender elementos dinâmicos e de composição de grupos sociais.

Enfim, estamos diante de um novo contexto social onde o mundo virtual nos permite ficar a vontade para conhecer e nos relacionarmos com pessoas até então desconhecidas. Nesse sentido, Zizek (2007) chama atenção para o modo de funcionamento das redes sob um aspecto psicológico, ou seja, dentre os problemas da internet estariam o deslocamento das identidades dos indivíduos. O “eu” desaparecendo em função ao “eu” das redes, a transição do mundo das instituições para o mundo dos indivíduos. É o indivíduo que se “perde” na internet. Dessa forma, a lógica do contato torna-se mais forte que a lógica do contrato social diante do que o autor denomina de conexismo.

Dentre a diversidade de redes sociais existentes, direcionamos nossa observação ao funcionamento do weblog e do twitter, buscando um maior embasamento para as análises específicas que realizaremos e torno de nosso objeto para esta pesquisa.

### 3.2.1 Weblogs

Com o crescimento da internet, a facilidade e agilidade de comunicação que ela proporciona, aumentou o interesse das pessoas e empresas em ter um espaço pessoal na web. No entanto, para se possuir uma home page era preciso o mínimo de domínio das técnicas, o que dificultava o acesso das pessoas. Nesse momento apareceram os bloggers, como uma iniciativa que oferecia ferramentas que possibilitaram aos internautas publicarem seu próprio conteúdo na internet.

Segundo a *wikipedia*<sup>23</sup>, “blogger é um serviço que oferece ferramentas para indivíduos publicarem textos na Internet”, sem a necessidade de ter domínio técnico ou software. Assim, o blog configurou-se em uma ferramenta de comunicação popular da internet onde a pessoa que o administra, o *blogueiro*, atualiza seus conteúdos, as postagens ou *posts*, com a frequência que desejar. Funcionam como um tipo de website construído

---

<sup>23</sup> Wikipédia é uma enciclopédia multilíngue online livre e colaborativa, ou seja, escrita internacionalmente por várias pessoas comuns de diversas regiões do mundo, todas elas voluntárias. Disponível através do link <http://pt.wikipedia.org/wiki/Site>

usando um software de administração de conteúdo em um modelo onde as postagens são datadas e distribuídas com a mais recente no topo. A tecnologia dos blogs proporcionou ao meio algumas propriedades específicas como um estilo de escrita geralmente pessoal ou subjetivo, a concisão e a disposição de links para as fontes mencionadas em que o usuário pode clicar para encontrar mais sobre o assunto. Ao final dos anos 1990, quando os blogs começaram e se popularizar consistiam em listas de links para sites similares, característica que ainda permanece em muitos sistemas de blogs existentes hoje. Os posts eram baseados em um único link. Ainda que os primeiros blogs tenham sido programados por seus autores, foi o lançamento de sistemas gratuitos de controle de conteúdo que provocou a explosão do número de blogs na medida em que as barreiras de entrada foram reduzidas para aqueles que não possuíam conhecimentos de programação. A partir de então, o número de tecnologias suplementares desenvolvidas cresceu de tal forma que desencadearam cada vez mais a absorção dos blogs pelas empresas jornalísticas. Em sua maioria possuem uma estrutura parecida, e quando surgiram eram usados como diários virtuais on-line onde os usuários apresentavam suas opiniões e contavam o que ocorria em seu dia-a-dia.

Hoje, são espaços de informações mais sólidas perdendo a característica inicial de diário pessoal. Com conteúdo informativo e educativo são utilizados para comentários, disseminação de opiniões, idéias, divulgação de material artístico e são adotados não só por pessoas físicas como também por empresas. Dessa forma, tornou-se instrumento de trabalho, fonte de informações para profissionais de diversas áreas dentre eles os jornalistas. Nesse contexto, os blogs se transformaram em uma forma diferente de se produzir conteúdo informativo possuindo vantagens e desvantagens para o campo do jornalismo. Blogs podem conter conteúdo jornalístico embora em diferentes formatos, atuando como uma plataforma de notícias ou mesmo um espaço para editoriais. Assim, os blogs têm sido cada vez mais adotados por empresas jornalísticas que têm ajustado essa tecnologia dentro de suas redações muitas vezes empregando *blogueiros*<sup>24</sup> em suas equipes jornalísticas. Diante dessa mudança as características gerais dos blogs têm se transformado, de maneira que jornalistas têm usado a ferramenta para escrever textos no estilo coluna não permitindo a postagem de comentários configurando o blog em mais uma plataforma para a transcrição de conteúdo do jornalismo impresso tradicional.

---

<sup>24</sup> Blogueiro é quem escreve em um blog.

### 3.2.2 Twitter

Fundado por Jack Dorsey, Biz Stone e Evan Williams em 2006 como um projeto da empresa Odeon, o Twitter<sup>25</sup> é um serviço semelhante a um microblogging permitindo que sejam postados textos com no máximo 140 caracteres a partir da pergunta: “*O que você está fazendo?*”. Sua estrutura é baseada em seguidores e pessoas a quem se escolha seguir. Através da ferramenta, o usuário tem a possibilidade de contruir um perfil e personalizar a sua página pessoal que apresenta todas as mensagens públicas emitidas por aqueles a quem ele segue. O serviço também disponibiliza o envio de mensagens direcionadas para um de seus seguidores a partir do uso do símbolo @ antes do nome do destinatário.

Uma em cada sete pessoas no planeta frequenta as redes sociais na internet. Hoje, estar desligado dessas redes é sinônimo de estar isolado da sociedade. Setores que lidam diretamente com a sociedade já estão pensando em estratégias para utilizar o twitter. Existem organizações que usam o espaço para estabelecer conexões com os clientes, humanizar a empresa, informar, realizar promoções e afins. Em contrapartida, essa inserção das empresas na rede amplia as ocorrências de reclamações, permitindo que se formem grupos fortes em torno de interesses comuns e comunidades. No entanto, a maioria das empresas restringe as redes sociais embora muitas estimulem a participação de seus funcionários até mesmo criando suas redes próprias internas. Em uma pesquisa publicada na revista Época<sup>26</sup> a consultoria de recursos humanos americana Robert Half realizou um estudo entre os meses de fevereiro e março deste ano com 3.052 executivos em todo o mundo. De acordo com a pesquisa no Brasil foram ouvidas 227 pessoas, dentre elas 44% navegam em sites de relacionamento com restrições e 26% não podem frequentá-los. Muitas empresas entendem que as redes sociais ajudam a conquistar consumidores através de opiniões que servem para aprimorar o atendimento e o desenvolvimento dos produtos. Mas ao mesmo tempo que a interação com o público pode facilitar o desenvolvimento da empresa, pode também deixá-la mais exposta a críticas e questionamentos.

No Brasil o twitter estagnou em setembro de 2009 com uma média de 9,8 milhões de pessoas, cerca de 27% do total de usuários<sup>27</sup>. O perfil dos usuários é de jovens entre 18 a 24 anos, executivos, blogueiros e pessoas da área de comunicação e marketing. O orkut<sup>28</sup> e o

---

<sup>25</sup> <http://www.twitter.com>

<sup>26</sup> Informações da revista Época, edição n° 628, maio de 2010.

<sup>27</sup> Informações da revista Época, edição n° 628, maio de 2010.

<sup>28</sup> Site de rede social, sistema criado por Orkut Buyukkokkten, funcionários do Google.

messenger<sup>29</sup> são hoje as redes com maior número de usuários, tidas como consolidadas no Brasil e no mundo, com cerca de 26 e 27 milhões de usuários respectivamente.

No campo do jornalismo, existe profissionais que já usam a plataforma das mais diversas formas, visando divulgar as notícias com ineditismo, encontrar fontes, e monitorar os desdobramentos de suas reportagens. Redes internacionais de notícias como a CNN<sup>30</sup> se diferenciaram ao levar notícias em primeira mão para milhares de pessoas através do twitter<sup>31</sup>. A ferramenta em pouco tempo se tornou importantíssima para a realização de reportagens e para promover a aproximação entre leitores e veículos. Todavia, essa inovação tem provocado conflito nas redações. O ponto fundamental desse debate é definir como o profissional se posiciona ao utilizar esses serviços, se ele representa a ele mesmo ou a organização a qual está vinculado, para que possa ter a liberdade que precisa para fazer seu trabalho sem colidir com os interesses ou causar algum dano a reputação do veículo.

Cabe ao jornalista, como profissional da comunicação, determinar que esteja sempre a serviço da empresa que o contrata ou estabelecer que sua função se resuma a produzir conteúdo noticioso e que, fora desse âmbito, ele usa a internet com o intuito que quiser. Nesse sentido, o profissional se torna o veículo.

### **3.3 O processo produtivo do jornalismo investigativo na migração para a web**

O processo de produção de uma reportagem investigativa para a TV ou para um veículo impresso, por exemplo, exigiria um planejamento de espaço, relevância do tema, pesquisa documental e fontes consistentes. Ainda assim na hora da escolha da notícia o jornalista teria de considerar um conjunto de valores que incluem critérios tanto

---

<sup>29</sup> Comunicador instantâneo da Microsoft.

<sup>30</sup> A CNN, *Cable News Network*, é uma rede de televisão norte-americana pertencente ao grupo Time Warner especializada na transmissão de notícias vinte e quatro horas por dia. Sua base é a cidade de Atlanta, emitindo também de Londres e Hong Kong.

<sup>31</sup> Dados disponíveis no guia prático para organizações e pessoas, *Manual do Twitter*, documento produzido por Juliano Spyer, Luiz Alberto Ferla, Moriael Paiva, Fabíola Amorim e Marcelo Tas, pela Talk, agência especializada na formulação de estratégias de marketing digital, mídias sociais e tecnologias 2.0 para clientes de vários segmentos, especialmente da área institucional. Documento criado para ajudar a manter outras pessoas atualizadas sobre o Twitter pelo wiki Twicetera, um repositório para o material em português publicado sobre o Twitter. O endereço é <http://twicetera.pbworks.com>. O Twicetera apenas disponibiliza links para material que já está publicado na Web, incluindo listas de livros, tutoriais, sites e blogs especializados, aplicativos, pesquisas, estatísticas, apresentações, notícias, além de endereços de sites similares em inglês. O site é registrado com uma licença Creative Commons que permite que todo o seu conteúdo seja distribuído livremente e também remixado.

profissionais quanto organizacionais, tais como velocidade e eficiência na produção de notícias. Esses critérios organizacionais estão ligados à função do *gatekeeper*, que fazem parte do estudo que aborda a produção de notícias, conhecido como *newsmaking*. (WOLF, 2002 apud SEQUEIRA 2005, p. 36). Pelo princípio da teoria do *gatekeeper* os jornalistas funcionam como uma espécie de filtros no processo de escolha da informação. Eles decidem o que deve ou não se transformar em notícias. Segundo Pena, “diante de um grande número de acontecimentos, só viram notícia aqueles que passam por uma cancela ou portão (*gate* em inglês). E quem decide isso é uma espécie de porteiro ou selecionador que é o próprio jornalista.” (PENA, 2006, p.133).

Os critérios profissionais ligados às rotinas de produção da notícia e à eficiência e velocidade, são os fatores de maior influência na decisão do *gatekeeper*. (PENA, 2006, p. 134). No campo do jornalismo, as chamadas rotinas produtivas podem ser consideradas como respostas práticas às necessidades das organizações noticiosas e dos jornalistas. Elas asseguram ao jornalista um fluxo constante de informações e uma transformação rápida do fato em notícia.

Rotinas são os processos convencionalizados e algo mecanicista de produção de alguma coisa que, sem excluir que determinadas pessoas tenham rotinas próprias ou que a cultura e o meio social afetem essa produção, me parecem obedecerem essencialmente a fatores socioorganizacionais. (SOUZA, 2005; p. 48).

Esses mecanismos rotineiros diferem de um órgão de comunicação a outro e são, freqüentemente, corrigidos. São eles que confirmam que o trabalho jornalístico não se baseia somente na sua capacidade intuitiva, ou no chamado “faro” jornalístico, e, sim, em procedimentos rotineiros de fabricação de informação.

A socióloga Gaye Tuchman acredita que o processo de produção da notícia é planejado conforme uma rotina industrial. Assim, mesmo que o jornalista seja parte ativa no processo não há uma autonomia profissional em sua prática, e sim uma submissão a um planejamento produtivo. Dessa forma, as normas ocupacionais têm maior importância que as preferências pessoais no processo de seleção da notícia, o que evita que haja uma intenção manipuladora do jornalista (TUCHMAN apud Pena, 2006, p. 129).

Com a internet e o aumento de informações acessíveis aos cidadãos há uma alteração nesse planejamento de rotina industrial. A preocupação dos jornalistas agora se volta para a

filtragem e organização hierárquica desse vasto material jornalístico disponível ao usuário, buscando conservar a credibilidade do veículo que representam.

Com o público passando a ter o controle e alternativas para buscar e divulgar um fato, o papel do gatekeeper é reavaliado, explorando o potencial comunitário das novas tecnologias (Lemos, 2002). A posição do usuário da internet é a de poder participar do começo ao fim das rotinas produtivas de um jornal seja através de depoimentos, comentários ou envio de notícias locais. Essa descentralização permite que todos interajam e participem da construção da notícia.

Dessa forma, o jornalismo investigativo no momento em que se insere no ambiente virtual não segue seus padrões, as lógicas dos modelos teóricos que o distinguem das demais categorias de produção jornalística. Conhecemos a produção investigativa por suas características particulares, como o fato de lançar mão de técnicas de apuração diferenciadas, metodologias e estratégias nem sempre ortodoxas, como o uso de câmeras escondidas ou o trabalho de investigação sigilosa. Nesse sentido, a internet facilita o trabalho de investigação do repórter pela rede de informações disponíveis, o acesso instantâneo e a possibilidade de rápida pesquisa histórica sobre o assunto. Mas é também na web que percebemos as transformações que esse novo cenário impõe. O processo produtivo que seria realizado “nos bastidores” vem à tona, se torna público no momento em que o repórter posta, seja através de depoimentos em seu blog ou posts em sua página pessoal do twitter, o andamento da reportagem dando pistas do processo de produção. Esse movimento de desvendamento do processo produtivo, a exposição do local, da pauta, das dificuldades técnicas volta à atenção para o jornalista, que passa do papel de mediador a protagonista, ficando muitas vezes em maior evidência que o próprio acontecimento. Nesse sentido, corroboramos com a perspectiva de Martinez quando afirma que o jornalismo é um instrumento de ação social e não um circo para exibicionismos. Dessa forma, a consciência do profissional deve levar em conta a dimensão pública de sua atividade, com as conseqüências sociais, responsabilidades e compromisso que a função exige. A emergência da interatividade é a maior causa desse processo. A quantidade de comentários e as discussões realizadas através do twitter aumentam a circulação das informações e as transformam em notícia antes mesmo de que sejam veiculadas na mídia tradicional. Assim, o repórter busca fomentar audiência, utilizando como estratégia os recursos e as ferramentas da web para aumentar o poder de circulação através da publicização de suas rotinas produtivas.

É importante destacar que se trata de um cenário de convergência, também denominado como processos transmidiáticos. Jenkins (2008) refere-se à convergência como o “fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, a cooperação entre vários mercados midiáticos e o comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca de entretenimento”. O autor entende que o processo não deve ser compreendido como meramente tecnológico que possibilita a conexão de várias funções em um mesmo aparelho. Ele também aponta para uma transformação cultural por desencadear a procura de novas informações e o estabelecimento de conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos.

De um ponto de vista semiótico, podemos dizer que a convergência já da natureza da mídia: ou seja, os meios de comunicação já são potencialmente convergentes na medida acoplam e hibridizam linguagens. O jornalismo impresso é um produto dessa estatura. Para um mesmo espaço convergem as linguagens verbais, gráficas, fotográficas, infográficas e outras. Irene Machado chama esse processo de *semiosis in design*, que significa dizer que as linguagens resultam de uma programação transcodificadora. Ou seja, os meios vão criando ambientes onde formatos de linguagem vão se constituindo modelando e sendo modelados pela cultura.

Para Suzana Barbosa (2007), no campo do jornalismo, a convergência além de significar integração entre meios distintos, significa também: produção de conteúdos combinando multiplataformas para publicação e distribuição; convergência estrutural com a reorganização das redações e a introdução de novas funções para os jornalistas; uso associado de tecnologias da informação, *softwares*, sistemas inteligentes, audiência ativa, exploração do potencial inte-rativo, hipertextual e multimídia da internet; e também a construção de narrativas jornalísticas em conformidade com tais recursos. Dessa forma, o cibermeio funciona como o produto catalisador da convergência, já que é através dele que se distribuem e se fazem circular os conteúdos dos diversos meios. Isso tudo é possibilitado pelo acesso indiscriminado às bases de dados que se convertem em ferramentas centrais no processo de convergência jornalística.

Essa dinâmica favorece os processos como os que são investigados nesta dissertação na medida em que as empresas de comunicação fazem convergir seus produtos para múltiplas plataformas criando uma rede de referências interna que tendem à otimização das informações. Aparece uma hipernarrativa com o blog remetendo ao texto do impresso que é referido no twitter, que pode trazer um link para uma informação audiovisual e tantas outras possibilidades.

#### 4 GIOVANI GRIZOTTI – UM REPÓRTER COM TÉCNICAS PRÓPRIAS

Giovanni Grizotti tem 33 anos, é jornalista formado pela PUC de Porto Alegre, e trabalha há 11 anos no grupo RBS. Atualmente trabalhando para a RBS TV, afiliada da Rede Globo, suas reportagens se destacam pelo jornalismo investigativo, abordando temas como política, saúde, educação e segurança pública. Frequentemente suas denúncias são divulgadas também pela rádio Gaúcha, pelos jornais Zero Hora e Diário Gaúcho, e também pela TV Globo.

Filho mais novo do casal Clemente e Isena Grizotti, Giovanni Grizotti passou sua adolescência em Barros Cassal<sup>32</sup>. O pai era um pequeno empreiteiro, os irmãos trabalhavam em instalações elétricas e serviços diversos. Giovanni fazia pequenos serviços domésticos como “bicos” para conseguir algum dinheiro. O pai tinha problemas de alcoolismo e coube aos filhos garantir o sustento da casa. Mas a vocação para a comunicação já dava seus primeiros sinais. Ainda pequeno Giovanni costumava colocar uma caixa no ombro e sair entrevistando as pessoas pelas ruas.

Terminou o segundo grau, aos 17 anos, e mudou-se para Capão Novo com a família.

“Na época em que Capão Novo estava no auge, era praia modelo, tinha festa do sol, atrações o verão todo. Eles (a família) continuaram no mesmo segmento e eu ajudava a fazer concreto, pintar casas, janelas, portas. Depois eles adquiriram uma fábrica de móveis, eu trabalhei nela, lixando móveis, no verão eu vendia milho verde na beira da praia.” Não, não era essa a comunicação que queria fazer: “Eu não gostava do que fazia. Criava calos nos pés e nas mãos, mas eu fazia por necessidade, porque não tinha outra opção” (GRIZOTTI,2009).

O início da trajetória na imprensa foi quando decidiu escrever uma carta para o Jornal de Capão.

---

<sup>32</sup> Informações da Revista Press e através de contato feito por e-mail com o jornalista, em 1º de setembro de 2010. Revista Press, da Editora Press & Advertising, edição 118, de fevereiro de 2009. Reportagem de Julio Ribeiro e Marco Antonio Schuster. Acesso em abril de 2011. Disponível através do link: [http://www.revistapress.com.br/root/materia\\_detalhe.asp?mat=170](http://www.revistapress.com.br/root/materia_detalhe.asp?mat=170)

“Quando eu tinha 21 anos, um grupo de alunas de Relações Públicas da PUC realizou um projeto social em Capão Novo cujo objetivo era estimular o exercício da cidadania em pequenas comunidades. A gente não morava no centro, mas no núcleo São José, vila dos residentes fixos de Capão Novo. As alunas começaram a fazer com que os moradores cobrassem dos políticos seus direitos, esse tipo de coisa. Numa dessas, resolvi assistir à sessão da Câmara de Capão, para ver como os vereadores da minha cidade estavam se comportando. E nessa sessão, um deles, Delci Germano, do PDT, hoje falecido, chamou outro vereador, Luís Gabriel, representante de Capão Novo, de cachorro raivoso. Eu achei aquilo absurdo, até o porquê o Delci Germano estava bêbado na tribuna. Resolvi escrever uma carta para o espaço do leitor do Jornal de Capão manifestando a minha indignação com aquilo. Mas, seguindo aquele projeto de Barros Cassal, de fazer um jornal, quando entreguei a carta para o diretor pedi que ele analisasse a possibilidade de eu escrever uma coluna semanal, relatando os fatos de Capão Novo. A carta foi publicada e ele topou a idéia da coluna. Eu comecei com uma coluna pequena.” (GRIZOTTI, 2009).

A paixão pelo jornalismo não o deixou desanimar. Num primeiro momento, começou como repórter policial, depois passou a fazer todo tipo de matéria. Desde reclamação de rua, esgoto, alagamento, enfim, geral. Era o único repórter da rádio.

“Lá pelas tantas, se aproximava o verão, surgiu um problema no posto de saúde 24 horas de Capão da Canoa, que também atendia os veranistas e aí eu tive a idéia de oferecer um boletim à Rádio Gaúcha no “Gaúcha Estação Verão”. Conversei com o Rogério Carbonera, que era produtor, falei que era importante e também atingia os veranistas. Eu já tinha aquela visão, assunto local não iria interessar para a Rádio Gaúcha, tinha que interessar os veranistas. Propus o boletim, primeiro ele achou que podia não valer e tal, mas pediu para eu gravar. Fiquei realizado: “Vou entrar no ar na Rádio Gaúcha”. Hoje eu não sei qual seria meu próximo sonho, mas naquela época eu trabalhava muito com a palavra sonho. Estava no Jornal de Capão queria ir para o Praia e Serra, que era maior. Aquilo era um sonho. Estava no Mar e Serra e queria ir para a Rádio Horizonte, aquilo era um sonho. Da Rádio Horizonte eu queria ir para a Rádio Gaúcha, aquilo era um sonho.” (GRIZOTTI, 2009).

Depois de gravar o primeiro boletim para a Rádio Gaúcha, uma vez por semana, o jornalista realizava inserções ao vivo no programa com informações de Capão da Canoa. Ao final do veraneio combinou de continuar como colaborador durante um ano. Em fins do ano de 1995, recebeu um convite para fazer um trabalho de freelancer como repórter da Gaúcha em Capão da Canoa.

“A minha expectativa, desde o dia que comecei este free, em janeiro de 1996, era que quando chegasse o último dia dessa cobertura, pela qual eu recebia cem reais por mês, receber um telefonema do Luciano Klöckner me convidando. E aconteceu. Depois de gravar o último boletim para o *Chamada Geral Segunda Edição*, o produtor pediu para eu segurar na linha que o Luciano Klöckner queria falar comigo. O coração quase saltou pela boca.”(GRIZOTTI, 2009).

Quinze anos mais tarde Giovanni Grizotti é o repórter investigativo mais famoso do Estado. Tem mais de 35 prêmios de jornalismo, entre os quais os dois maiores do Brasil: o Prêmio Esso Especial de Telejornalismo e o Prêmio Imprensa Embratel de Reportagem Investigativa, ambos conquistados no ano de 2006, pela série de matérias intitulada A Farra dos Vereadores Turistas, veiculada na RBSTV. O jornalista também coleciona o prêmio de Menção Honrosa Vladimir Herzog, o prêmio mais importante dos direitos humanos, o prêmio principal em rádio Vladimir Herzog, foi o principal vencedor da 50ª edição do Prêmio da Associação Riograndense de Imprensa (ARI) de Jornalismo, em 2008 além dos prêmios da Confederação Nacional de Transporte.

O jornalista Giovanni Grizotti utiliza estratégias tidas como nada ortodoxas por alguns autores, conforme vimos em capítulos anteriores. Um das marcas do jornalista é fazer uso constante de câmeras escondidas, gravando imagens em locais públicos e em locais privados. O trabalho de investigação infiltrado no centro dos acontecimentos ou ainda de fazendo passar por outra pessoa ocultando não só a identidade como também a profissão são características do trabalho do repórter.

Em seu blog Direto da Fonte, Giovanni Grizotti justifica a estratégia escolhida através de uma postagem feita em 30 de maio de 2010:

“As razões da câmera escondida

Tenho recebido inúmeros pedidos de entrevista de estudantes universitários, por e-mail, questionando vários aspectos da câmera escondida. Quero postar aqui um texto, que resume a maioria das respostas. Em primeiro lugar, esse preconceito contra a câmera escondida vem, muitas vezes, de professores universitários que não sabem o que é uma verdadeira investigação jornalista. Acham, como muitos colegas, que fazer jornalismo investigativo é simplesmente reproduzir documentos oficiais. Mas e as provas? Existe algo mais enfático do que um bandido confessando um crime diante de uma câmera? Gostaria de lembrar que a própria justiça entende a câmera escondida como instrumento legal de apuração jornalística, uma vez que já há jurisprudência no sentido de que uma gravação é lícita, desde que uma das partes saiba que o diálogo está sendo gravado. Além disso, o direito que um criminoso tem de não ser gravado sem autorização termina quando começa o direito da sociedade em ser informada e o dever da imprensa em denunciar situações que colocam em risco os interesses da coletividade.

Resumo da história: a câmera escondida é usada sempre que há interesse público em determinada investigação. Por que não repasso essas denúncias ao Ministério Público e à Polícia? Se as pessoas me procuram para denunciar fatos, é porque não se sentem seguras em confiar nas autoridades legalmente constituídas. Então, seria ético da minha parte repassar o assunto a essas autoridades? E mais: fazendo isso, eu estaria agindo como delator. E este não é meu papel. Meu papel é informar. E só.”<sup>33</sup>

---

<sup>33</sup> Publicado em 30 de maio de 2010. Disponível em [www.clicrbs.com.br/diretodafonte](http://www.clicrbs.com.br/diretodafonte). Acessado em 14 de junho de 2010.

A questão das técnicas de apuração são muito polêmicas e divide opiniões. O jornalista Caco Barcellos (2003) defende o uso de câmeras escondidas como técnica de investigação desde que não violem a privacidade e a liberdade individual de alguém. Para ele, em determinados casos, não há restrição ao uso de grampo. O autor defende ainda que os métodos e técnicas utilizados nas investigações jornalísticas não são semelhantes aos das investigações policiais. Segundo ele, o que acontece é que devido à ineficiência do Poder Público, muitas vezes, o jornalista acaba por atuar como policial.

“Os métodos deveriam ser parecidos, eu queria que fossem. Mas o que acontece é que, no Brasil, a polícia não investiga. Ela é muito mais adepta da brutalidade do que da investigação científica. Isso é um atalho para os policiais preguiçosos. Por isso, muitas vezes a imprensa assume esse papel. Apenas 2% dos crimes que chegam à polícia são solucionados. A questão da segurança pública é o problema mais sério do Brasil. Somos no ranking das Nações Unidas, o segundo povo mais violento das Américas” (BARCELLOS *apud* KONOPCZYK, 2003, p. 162).

Percival de Souza (2005) acredita que muitos veículos têm utilizado gravações ilegais na divulgação de informações em nome do interesse público, o que considera uma armadilha ética. (SOUZA *apud* SEQUEIRA, 2005).

A prática de infiltração é defendida por Sequeira (2005). A autora acredita que possibilita uma maior aproximação física dos acontecimentos, para que se possa comprovar *in loco* como funcionam. A utilização de identidade falsa é outra técnica que causa divergência entre os profissionais. Os jornalistas, Caco Barcellos (2003) e Ricardo Kotscho (2003) condenam a atitude. Gilberto Nascimento (2003) é enfático ao afirmar que usar outra identidade é falsidade ideológica, crime previsto no Código Civil, passível de condenação.

#### **4.1 O Grupo de mídia Rede Brasil Sul - RBS**

O Grupo RBS - Rede Brasil Sul, é um grupo de mídia regional que atua no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e em algumas regiões do Paraná<sup>34</sup>. Nestes estados a RBS conta com oito jornais, sete portais de Internet, três emissoras locais de televisão, uma

---

<sup>34</sup> Informações da revista Conselho em revista, nº 37 “RBS:50 anos de história”. Acesso em abril de 2011. Disponível através do link [http://saturno.crea-rs.org.br/crea/pags/revista/38/CR38\\_memoria.pdf](http://saturno.crea-rs.org.br/crea/pags/revista/38/CR38_memoria.pdf)

operação para o mercado rural, uma gravadora e 24 emissoras de rádio. Além disso, possui 18 emissoras de televisão afiliadas à Rede Globo, além de quatro novas em implantação, tornando-se a maior rede regional da América Latina. A rádio Rede Gaúcha Sat possui 110 emissoras afiliadas em nove estados brasileiros.

O grupo foi fundado em 31 de agosto de 1957 por Maurício Sirotsky Sobrinho, operando hoje em dia na área de rádio, televisão, jornal, Internet, serviço de informação e uma fundação social. Maurício Sirotsky Sobrinho assumiu como sócio da Rádio Gaúcha, em 1957, iniciando a formação do Grupo RBS. Em 1962, a TV Gaúcha é inaugurada em Porto Alegre, sendo que mais tarde, em 1967, torna-se afiliada à Rede Globo. Em 1969 a primeira rede regional do país é fundada em Caxias do Sul, a TV Caxias. Em 1970, a RBS adquiriu o primeiro jornal, Zero Hora. Voltando ao rádio, em 1973 começa a formação da rede de rádios FM da RBS, sendo que, em 1976, a Rádio Atlântida foi inaugurada em Porto Alegre. Em 1979, os segmentos de televisão e rádio voltaram a crescer com a inauguração da emissora da RBS TV em Santa Catarina, em Florianópolis. E a Rádio Cidade FM é inaugurada em Porto Alegre neste mesmo ano. Mais tarde, em 1981, a Rádio Atlântida FM inaugura sua filial em Florianópolis. Em 1982 o Grupo RBS começa seus investimentos na área social com a inauguração da Fundação RBS, hoje Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho. Também foram fundadas as rádios Farroupilha AM em Porto Alegre e Diário da Manhã AM em Florianópolis. Em 1986, mais crescimento na área de jornais, com o lançamento do primeiro jornal da RBS em Santa Catarina, o Diário Catarinense, em Florianópolis.

Em 1986, morre o fundador Maurício Sirotsky Sobrinho. Jayme Sirotsky assume a presidência da empresa, permanecendo no cargo até 1991, quando Nelson Sirotsky se torna presidente do Grupo RBS.

Em 1992 a RBS compra o Jornal de Santa Catarina de Blumenau e lança a NET Sul, pioneira em TV a cabo no mercado brasileiro. Em 1993 o jornal Pioneiro de Caxias do Sul é adquirido pelo Grupo RBS e a Rádio 102 FM é inaugurada em Porto Alegre.

Em 1995 a TVCOM é criada em Porto Alegre, sendo a primeira televisão comunitária do Brasil. Em 1996 o Canal Rural é criado, com conteúdo dirigido ao setor do agronegócio. Também neste ano foi feita uma associação com a Nutecnet para o desenvolvimento do primeiro portal de Internet brasileiro, o ZAZ, hoje Terra. Foi inaugurada a rádio CBN 1340 em Porto Alegre. Em 2000 há um grande crescimento nos segmentos de atuação do Grupo RBS, com o lançamento do jornal popular em formato de tablóide Diário Gaúcho, circulando inicialmente na região metropolitana de Porto Alegre, hoje em dia em todo o

estado do Rio Grande do Sul. A RBS Interativa é lançada, com dois serviços: a RBS Direct (hoje em dia Direkt) de marketing direto e o clicRBS, portal de Internet. A TVCOM é inaugurada em Florianópolis e Joinville. A NET Sul associa-se com a Globocabo e a RBS torna-se sócia da plataforma nacional de televisão por assinatura. A RBS Publicações é inaugurada, sendo responsável pelo lançamento de livros e colecionáveis.

## 5. ANÁLISES - PROCESSO DESCRITIVO

Neste capítulo objetivamos descrever o blog de Direto da Fonte, e a página pessoal de Giovani Grizotti no twitter, identificando as áreas onde ocorrem as interações e os procedimentos de enunciação realizados pelo jornalista no ambiente virtual. Por fim, destacamos alguns casos onde identificamos as postagens e comentários feitos tanto no blog, quanto no twitter verificando os sentidos em circulação. Nosso interesse é identificar em que medida convergem ou possuem autonomia frente ao produto final veiculado na mídia tradicional.

### 5.1 O blog *Direto da Fonte*

O blog Direto da Fonte tem conteúdo produzido pelo jornalista Giovani Grizotti, é hospedado no site [www.clicrbs.com](http://www.clicrbs.com), sob o domínio do Grupo RBS. Na plataforma são postadas notícias e atualizações sobre as reportagens investigativas realizadas pelo jornalista para a Rádio Gaúcha, telejornais da RBS TV e jornais impressos.

Ao acessar o endereço [www.clicrbs.com/diretodafonte](http://www.clicrbs.com/diretodafonte) o internauta se depara com um espaço para notícias de cunho investigativo, abordando temas como política, saúde, educação e segurança pública. Também há seções interativas, links para outros sites, vídeos, blogs e áudios. O blog tem um espaço reservado para os comentários dos visitantes, fotos, links publicitários. Na parte superior imagens estilizadas ilustram o título.

Desde o início do período de nossa observação, em 2009, não existiam muitas seções disponíveis no blog, limitando-se aos “*Posts Destaque*”, onde encontrávamos as reportagens que obtiveram maior repercussão e premiações, a seção “*Perfil*”, onde o jornalista identificava-se e falava de seus interesses naquela plataforma. Existiam links para sites de jornalismo investigativo americanos, para Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo – ABRAJI e também links para blogs de colunistas ligados ao tema de investigação. O blog também apresentava link para a página de Giovani Grizzotti no twitter e um espaço para que o visitante efetue seu cadastro e possa assim receber diretamente as chamadas e notícias postadas pelo jornalista em seu e-mail.

Em abril de 2010 o blog apresentou um layout reformulado, com adição de seções como: “*Arquivos*”, disponibilizando acesso a todo o conteúdo já publicado no blog, “*Posts recentes*”, para acesso rápido as últimas postagens e “*Mais antigas*”, para acesso direto as postagens mais remotas. Permanece o link para o twitter e a seção de cadastro de e-mail.

Não houve grandes modificações no layout da página, apenas uma reformulação da disposição de links e seções.

No espaço para comentários também foram feitas atualizações. Anteriormente para comentar ou visualizar os comentários o visitante clicava em no ícone comentários e era disponibilizada uma nova tela, (conforme figura 4) em formato pequeno separada da tela inicial. Agora através de um pequeno ícone “*comente aqui*”, o internauta pode deixar seu comentário e ler os anteriores na mesma tela, abaixo da notícia postada, em ordem cronológica (conforme figura 5). A imagem de um mini-calendário que aparece ao lado da data das postagens na página, é um ícone por possuir semelhança com o seu referente e tem como objetivo dar a noção de temporalidade, referindo-se as datas em que as postagens foram feitas. A imagem de um envelope que aparece junto à tela de cadastro de e-mails pode ser considerada como um símbolo dentro do contexto que remete a idéia de correspondência, de comunicação entre o jornalista o usuário do blog.

Figura I- Layout da página inicial do blog Direto da Fonte – antes da atualização



Figura II - Layout da página inicial do blog *Direto da Fonte* - após atualização



Figura III – Banner de abertura do blog



Em nosso processo descritivo e comparativo encontramos na página inicial da plataforma, o banner nominal que apresenta a imagem estilizada de um olhar e a clássica lupa, usada em diversas vezes como símbolo do jornalismo investigativo por realizar uma associação imediata ao contexto de mistério, de investigação minuciosa. O fundo do banner é na cor preta, caracterizando o título do blog. As fontes estilizadas e escuras fazem alusão ao sombrio transmitindo a sensação de obscuridade. A qualidade da cor preta predominante ao fundo explora o valor emocional e dá ênfase a esfera negativa, pois o preto é frequentemente associado a notícias sobre morte e tragédias. É necessário ressaltar que não é

possível conhecer a fisionomia do repórter. Giovani Grizotti não aparece em fotos nem mesmo permite que sua imagem seja filmada. Durante as reportagens feitas pelo repórter só sua voz é conhecida. Sua própria identidade está envolta em mistério.

Identificamos com frequência a presença de anúncios publicitários no layout do blog: *Google*, da *Zero Hora*, do *Clic Shopping*, apresentando produtos vinculados ao Grupo RBS. O banner padrão da página do *Clic RBS*, portal de hospedagem do blog, tem maior evidência marcando a ligação do blog à Instituição. É dado maior destaque para o link que remete para a página pessoal de Grizotti no twitter onde também está presente a imagem que tem como símbolo a lupa. Observamos a inclusão de um link chamado “*Páginas*”, onde estão destacadas as postagens com os títulos: *Golpistas usam DVD para aplicar golpes e RBS TV finalista ao IRE Awards*. Um calendário com a disposição dos meses do ano também foi agregado ao layout do blog.

Quanto ao conteúdo do blog, averiguamos que os processos interacionais se dão exclusivamente através dos comentários dos visitantes. Estes contribuem com informações, denúncias e críticas, de forma que se abrem discussões entre eles sobre determinados temas. Uma espécie de conversação que fomenta um novo modo de circulação da informação. No entanto há a necessidade de se fazer um cadastro através de e-mail para a criação de um login que possibilite a efetivação da postagem do comentário.

Todavia não observamos interferência de Giovani Grizotti no processo dos comentários, de forma que as postagens do jornalista não se relacionam aos comentários diretamente, seguindo uma lógica própria. Nesse sentido identificamos que a interação que se dá através dos comentários dos visitantes esta mais ligada a uma forma de interação do homem com a técnica, ou seja, mediada pela máquina, conforme teoriza Palácios (2003).

A partir dessas primeiras observações pensamos o processo de interação do blog através das reflexões que Lemos (2001) faz sobre o conceito de interação eletrônico digital, onde o interagente não interage apenas com a máquina e sim com seus conteúdos. Essa forma de interação fica clara no blog do jornalista no momento em que os comentaristas trocam informações, acrescentam elementos ou mesmo corrigem algum dado que tenha sido publicado de maneira incorreta por Grizotti. Dessa forma, as postagens seguintes apenas atualizam o andamento das investigações de acordo com o que já foi produzido para a RBS TV, a *Rádio Gaúcha* ou para o jornal *Zero Hora*. Assim o conteúdo resultante da conversação dos interagentes não é aproveitado como fonte, tão menos como crítica.

Lembrando a classificação de Primo (2000), em torno dos conceitos de interação mútua e reativa, no blog identificamos que ambas as tipologias podem ser encontradas. Na

seção de cadastro de e-mails o visitante é chamado a realizar seu cadastro para receber as notícias sem nenhuma mediação, o que assinala a forma da interação reativa. Identificamos também duas situações. Se considerarmos a presença do jornalista Giovani Grizotti como “mediador”, encontramos interações reativas na medida em que a atuação dos comentaristas interagentes se dá somente na forma de reação ao que foi produzido e postado pelo repórter, respeitando-se a hierarquia. Já se considerarmos somente as interações existentes através dos diálogos que se formam através dos comentários dos interagentes, temos interações mútuas. Entretanto, a própria necessidade de cadastro já configura algum nível de controle e filtro, conforme veremos abaixo.

Figura IV -Tela de comentários – antes da atualização

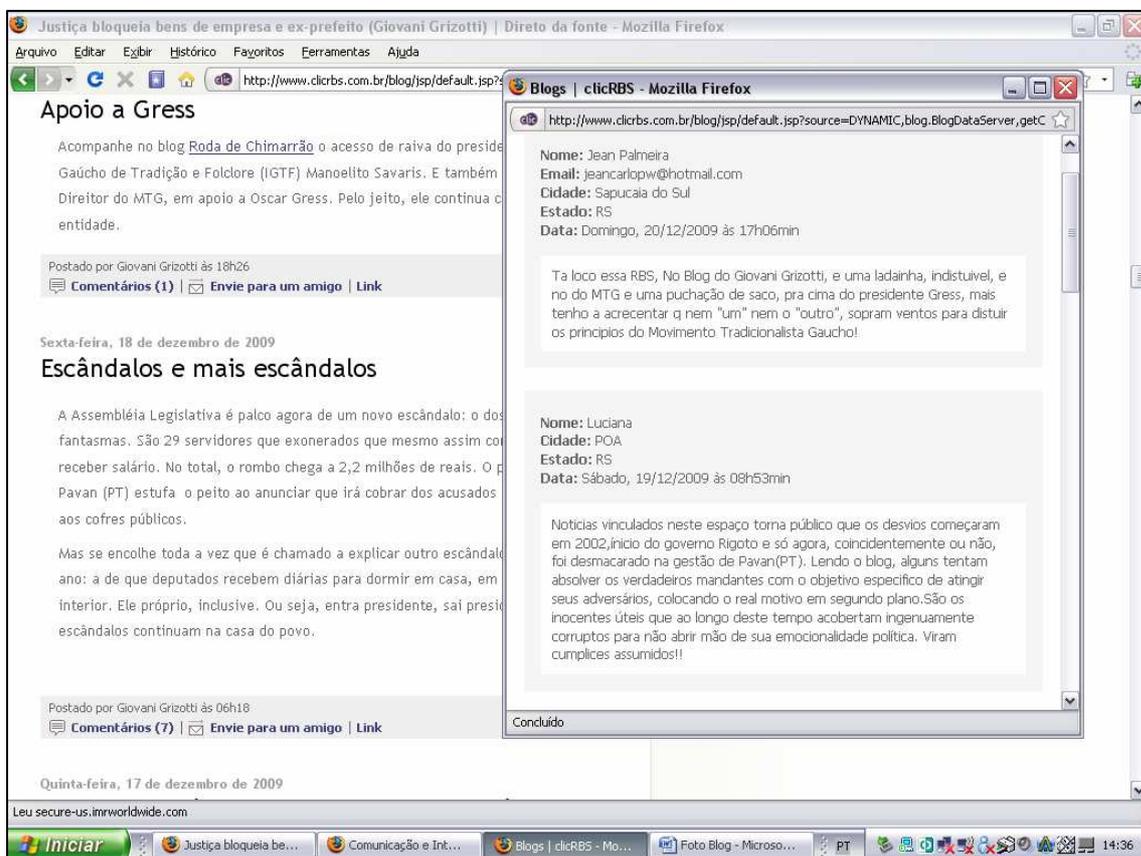


Figura V- Layout da página de comentários do blog Direto da Fonte – após a atualização em 2010

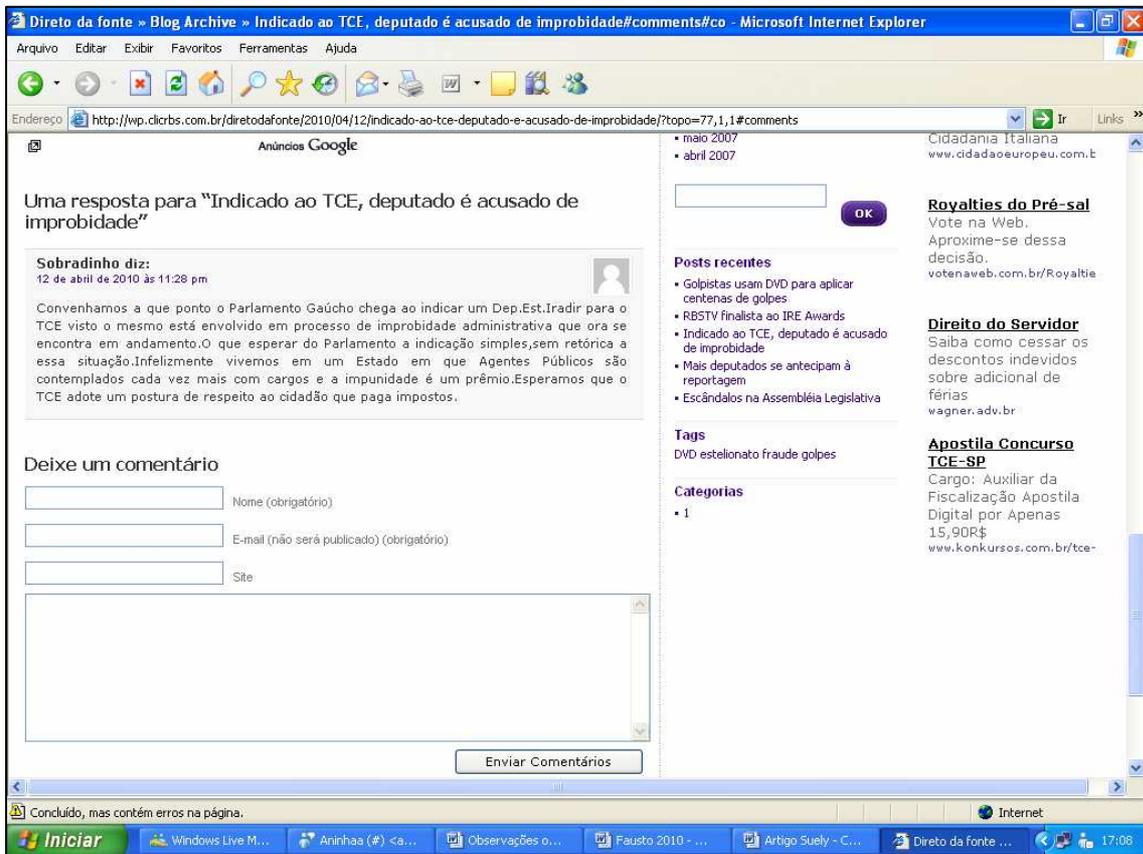
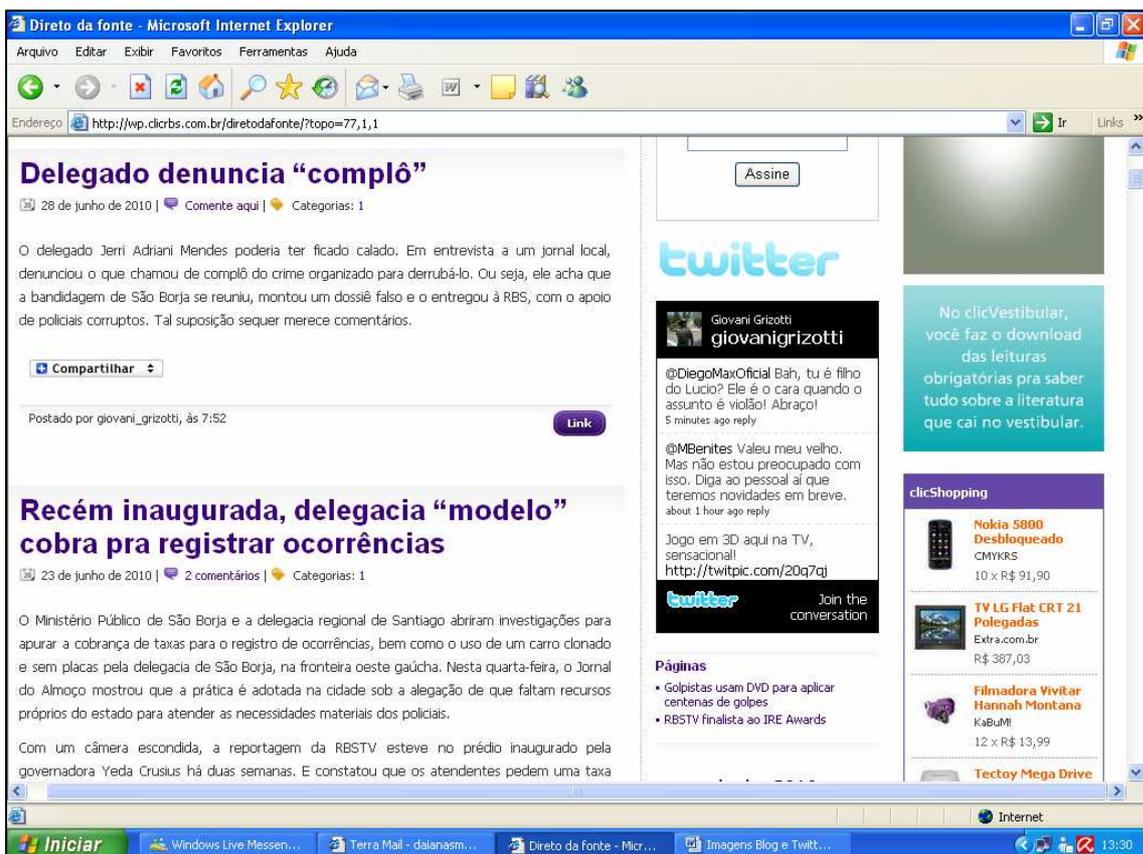


Figura VI - Tela com chamada para twitter



Ao observarmos a forma como se dá o processo de produção do blog *Direto da Fonte*, identificamos que o mesmo atua como veículo institucional, preservando as características do Grupo RBS, não havendo interação direta do jornalista Giovani Grizotti com os comentaristas interagentes, nem sequer aproveitamento do conteúdo produzido através dos diálogos lançados.

Assim, a plataforma atua como mais um veículo para divulgação das notícias e não interfere, nutre ou transforma as lógicas de produção do jornalismo investigativo.

A partir de pré-observações classificamos as postagens de acordo com categorias buscando entender o tipo de conteúdo que alimenta o blog. Primeiramente classificamos o material das postagens em informacional (compreendendo o material jornalístico produzido pelo repórter, tanto em forma reduzida como a publicação original); links para outros ambientes na web; transcrição de notícias postadas em sites, portais de notícias e blogs; comentários (do repórter); manchetes, e depoimento. Conforme exemplificamos com as chamadas listadas abaixo:

**\*Informacional:**

*“TRÂNSITO LIVRE”*

*“Ricardo de Gasperi Neu, flagrado em esquema fraudulento de marcação de consultas envolvendo gabinetes, segue circulando livremente na Assembléia Legislativa.”*

**\*Transcrição:**

*“No site da Globo Minas:*

*Foi preso, nesta quinta-feira, um suspeito de ser fraudador de aposentadoria do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). Segundo a Polícia Federal (PF), o homem, identificado como Henrique Mamprim, é um dos golpistas mostrados no Fantástico, no último domingo.*

*“Henrique vendia cadastros dos aposentados através de um site.”*

**\* Link:**

*“APOIO A GRESS”*

*“Acompanhe no blog [Roda de Chimarrão](#) o acesso de raiva do presidente do Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (IGTF) Manoelito Savaris. E também a nota do Conselho Diretor do MTG, em apoio a Oscar Gress. “Pelo jeito, ele continua como presidente da entidade.”*

**\* Comentário:**

*“PISTA...”*

*“No blog do Fernando Rodrigues, da Folha de São Paulo, talvez estejam as verdadeiras razões para o deputados estaduais gaúchos guardarem, à sete chaves e longe da imprensa, as notas fiscais utilizadas para justificar diárias de viagens de até R\$ 578,00.”*

**\* Manchete:**

*“FRAUDE NA MERENDA”*

*“O blog escolheu duas escutas telefônicas usadas como prova pelo Ministério Público Federal na denúncia contra 13 acusados da merenda escolar em Canoas.”*

**\* Depoimento:**

*“MAIS ESCANDALOS NA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA”*

*“Ainda não tinha me manifestado aqui sobre o incidente de ontem na Assembléia Legislativa, em que eu e o cinegrafista Giancarlo Barzi fomos agredidos pelo deputado Dionilso Marcon (PT) e por um segurança da casa. Ele arrancou e quebrou nosso microfone ao ser questionado sobre uma imagem que fizemos.”*

A tabela abaixo enumera durante os meses de maio e junho a quantidade de posts feitos pelo jornalista, a categoria em que enquadrámos as postagens e a presença ou não de informações complementares como links para vídeos, áudios ou fotografias.

Tabela I - posts blog – Observação durante o ano de 2010

Mês	Posts / Grizotti	Categoria	Presença de links para vídeo, áudio ou foto
Maio	11	2 informativos 6 manchetes 1 depoimento 1 transcrição	Utilizados em 1 post
Junho	3	1 manchetes 1 informativos 1 transcrição	Utilizados em 2 posts

No decorrer de 2011 o blog apresentou mais algumas alterações. Não houve interferência no layout, e sim adição de ícones e modificações no processo de interação.

Figura VII- Layout do blog 2011



Foram adicionados ícones como “Páginas”, onde estão em destaque dois links para posts selecionados. Ao clicar em qualquer um deles, o visitante passa automaticamente a página onde foi postado o texto e o vídeo sobre o tema.

Figura VIII – “Item Páginas”



No item “*Tópicos Recentes*” estão listadas em ordem cronológica as últimas cinco postagens realizadas no blog. O item “*Tags*”, faz a busca por todas as postagens que tiverem a palavra selecionada em comum.

Figura IX – Item “Tópicos Recentes” e “Tags”



Também no início deste ano foi disponibilizada uma nova forma para que os visitantes do blog pudessem efetuar a postagem dos comentários. Agora, ao clicar o item “Comente Aqui”, o visitante é remetido a uma caixa que solicita que seja feito um login para a postagem do comentário. São oferecidos então dois serviços: “Grupo RBS” ou “Cadastro RBS TV”, conforme figura XIII.

Figura X – Nova forma para a postagem de comentários

Postado por giovani\_grizotti, às 23:22

[Comente aqui](#) [Link](#) [Veja o blog completo](#)

---

**Você precisa fazer login para comentar.**  
Escolha um dos serviços abaixo:

[Grupo RBS cadastro RBS](#)

Figura XI – Cadastro para comentários

**Para comentar cadastre-se ou faça login**

<p><b>AINDA NÃO SOU CADASTRADO</b></p> <p>Cadastre-se e tenha acesso a áreas de conteúdos e serviços exclusivos nos sites do Grupo RBS</p> <p>O acesso é totalmente seguro e gratuito</p> <p><a href="#">QUERO ME CADASTRAR</a></p>	<p><b>JÁ SOU CADASTRADO</b></p> <p>Se você é cadastrado(a) em algum veículo do Grupo RBS, você já tem acesso a esta área, basta informar seu usuário e senha.</p> <p><b>Usuário</b></p> <input type="text"/> <p><a href="#">Esqueci meu usuário</a></p> <p><b>Senha</b></p> <input type="password"/> <p><a href="#">Esqueci minha senha</a></p> <p><a href="#">ENTRAR</a></p>
---	---

© 2010 rbs.com.br. Todos os direitos reservados

Grupo **RBS**

A partir do cadastro feito através do link que disponibiliza acesso a tela acima, o internauta faz seu cadastro no blog, e recebe a confirmação por e-mail. O internauta insere seu e-mail e clica no link enviar sendo direcionado a uma nova janela com uma caixa de solicitação de e-mail. A partir de então, basta abrir o email e acessar o link de confirmação e já se está cadastrado e passa a receber as atualizações diretamente no seu e-mail. Esse

serviço é uma estratégia para que seja mantido o vínculo com o blog. Pois no momento em que se recebe por e-mail o título da postagem e o conteúdo do primeiro parágrafo, o internauta acessa, através do link, diretamente o blog aumentando assim o número de visitas a plataforma.

Já na parte dos comentários, ao digitar a mensagem o internauta recebe uma mensagem de moderação. Após comentarmos a postagem “*Um Susto e Tanto*”, feita no dia 6 de maio de 2011, recebemos a seguinte mensagem:

### **Nenhuma resposta para “Um susto e tanto...”**

*Daiana Martins diz: Seu comentário está aguardando moderação.*  
[18 de maio de 2011 às 4:16 pm](#)

A mensagem confirma que a interação ofertada pelo blog está condicionada a sistemas reguladores instituídos por lógicas midiáticas.

Uma nova possibilidade de cadastro sem que seja necessária postagem de comentários é encontrada através do item abaixo, onde é solicitado o e-mail para o recebimento das atualizações do conteúdo do blog.

Uma das alterações que mais chama atenção no weblog é o destaque dado ao twitter. Nas novas atualizações encontramos uma caixa maior e com a possibilidade de visualização dos últimos twitts feitos pelos seguidores do jornalista. Dessa forma, o visitante do blog fica sabendo sobre o que se está discutindo na página pessoal de Grizotti no twitter, conforme figura XIV.

Figura XII– Atualizações e Twitter



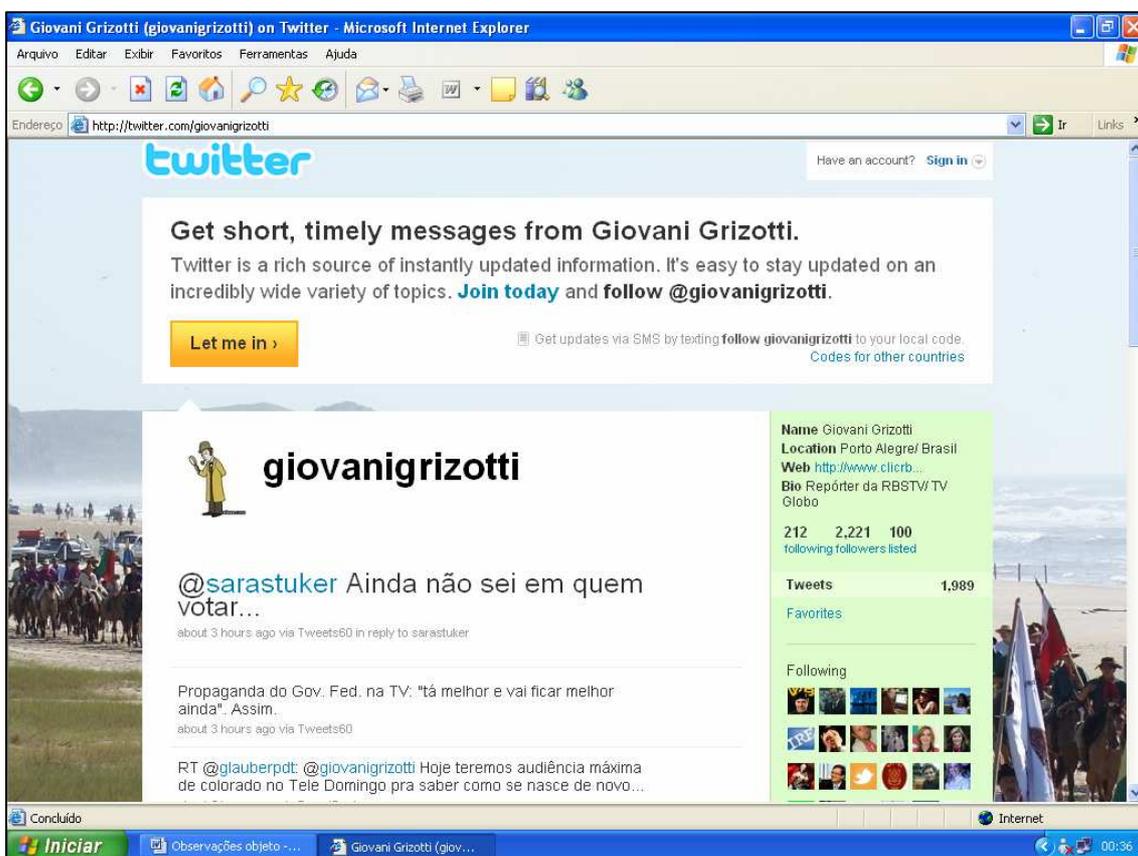
## 5.2 O jornalista Giovani Grizotti no Twitter

O formato da página pessoal no twitter de Giovani Grizotti segue os padrões de edição do site, contendo apenas fotos ilustrativas como pano de fundo. Quando começamos a observar seu funcionamento, em janeiro de 2010 o repórter tinha 2.224 seguidores. Hoje, junho de 2010, o jornalista conta com 2.992. (Conforme tabelas 2).

Através dos posts em sua página no twitter o jornalista Giovani Grizotti relata suas estratégias de investigação, procedimentos de segurança adotados para a realização de suas

reportagens, expressa suas opiniões e manifestações a respeito dos temas em investigação discutindo questões éticas no jornalismo. Dentre os conteúdos dos posts estão também comentários sobre a localização e assunto das próximas pautas, especificando desde o método de produção até os responsáveis pela edição. São informações do dia- a dia, sem nenhuma conotação muito pessoal, ou secreta. Apenas conversação em tom informal.

Figura XIII - Layout da página de Giovani Grizotti no twitter



A tabela abaixo registra o aumento no número de seguidores na página do jornalista de janeiro a maio de 2010.

Tabela II - Acompanhamento do aumento do número de seguidores do twitter de Grizotti

Mês	Nº Seguidores
Janeiro	2.224 seguidores
Fevereiro	2.224 seguidores
Março	2.671 seguidores
Abril	2.719 seguidores
Maio	2.751 seguidores
Junho	3.013 seguidores

Em nossas observações entre os meses de janeiro e abril de 2011 identificamos alterações no layout da página de Giovani Grizotti. Com frequência são alteradas as fotos que identificam o perfil do jornalista e também a figura de fundo, que ilustra a página. Essas alterações constantes denotam que Grizotti reserva boa parte de seu tempo não só para postar mensagens como também para atualizar perfil, imagens e layout da página. Observe abaixo como estão dispostos dos itens que compõem a página do jornalista hoje.

Figura XIV - Novo layout twitter – 2011



A forma de identificação do jornalista também foi alterada. Agora estão disponíveis informações como a função do jornalista, a cidade e o link direto para o blog Direto da Fonte. A foto de identificação do perfil é constantemente alterada. O jornalista alterna imagens ilustrativas de pessoas e figuras de animais que denotem alguma relação com investigação ou espionagem.

Figura XV – Nova forma de identificação



O número de pessoas que o jornalista “segue”, os *following* costuma manter-se. Não há aumento significativo. Esse número é disposto conforme a figura abaixo, seguido de pequenas imagens de seus representantes.

Figura XVI - Número de pessoas que o jornalista segue



Já o número de “seguidores” do jornalista, os *followers* cresce constantemente, demonstrando um aumento significativo em épocas em que as investigações estão em curso. Em nossa observação mais recente, no mês de maio de 2011, o número de seguidores chegou à marca de 11.889 perfis.

Figura XVII - Dados completos dos números do twitter



A imagem de fundo usada pelo jornalista para compor o layout da página é um apanhado de recortes de imagens estilizadas, desenhos, fotografias que se fundem. Dentre elas, a logomarca do programa da Rede Globo, o Fantástico, onde constantemente o jornalista veicula suas reportagens investigativas. Figuras caricatas como investigadores, marcas de digitais, lupas e cifrão também fazem parte do apanhado de imagens selecionadas pelo jornalista, que jamais revela sua identidade, na busca por criar uma identificação no twitter. A necessidade de veicular imagens e figuras que deixem clara a ligação do jornalista com o trabalho de apuração, de investigação demonstra que Grizotti opta por veicular sua imagem, diretamente a seu perfil profissional.

Figura XVIII – Imagem de fundo da página de Grizotti no twitter



### 5.3 O “Caso do DVD” – Abordagem realizada pelo blog *Direto da Fonte*

Procuramos descrever, anteriormente, a estrutura e as condições de participação, aliadas a topografia do site que consistem na primeira parte do contrato de leitura. Agora, daremos ênfase nas reflexões que se voltam para as transformações que esses contratos têm sofrido. Para que possamos entender um pouco mais a noção de contrato de leitura é preciso que se levemos em conta a natureza do tipo de interação que envolve o receptor e no fato de que se parte do pressuposto de que o jornalista é quem tem a possibilidade de ofertar a atualidade ao leitor, realidade a qual o leitor não poderia ter acesso por conta própria.

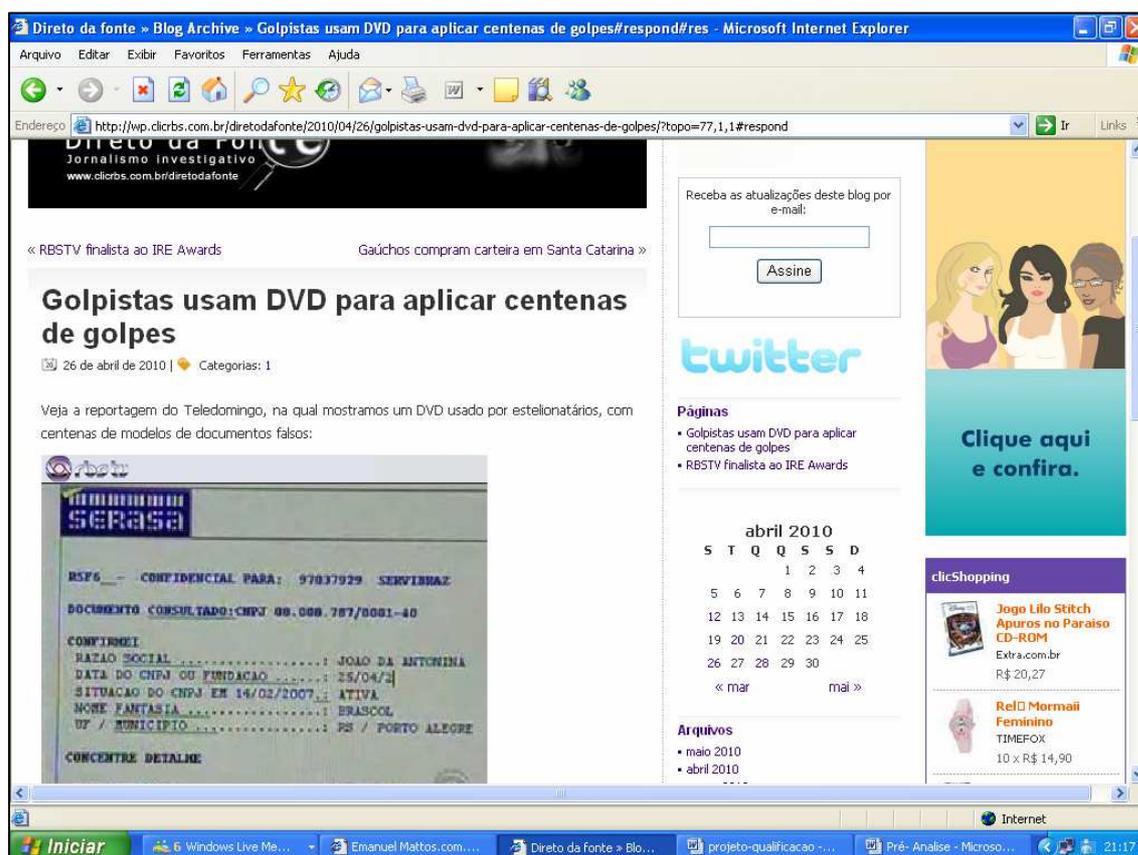
Examinamos a investigação jornalística realizada pelo jornalista Giovani Grizotti durante o mês de abril sobre a descoberta de um DVD, à venda no centro de Porto Alegre

aparentemente contendo modelos de documentos para falsificação e aplicação de golpes. A cobertura apresentada no blog limitou-se a uma postagem, do dia 26 de abril, segunda-feira, logo após a reportagem ter sido apresentada em destaque pelo programa Tele Domingo<sup>35</sup>, na noite de 25 de abril.

### ***Golpistas usam DVD para aplicar centenas de golpes***

*Veja a reportagem do Teledomingo, na qual mostramos um DVD usado por estelionatários, com centenas de modelos de documentos falsos:*

Figura XIX - Página do blog Direto da Fonte – Caso DVD



<sup>35</sup> Tele Domingo é uma revista semanal exibida pela RBS TV, afiliada da Rede Globo no Rio Grande do Sul, nos finais de noite de domingo. Segue o mesmo padrão do programa Fantástico. Atualmente é apresentado pelos jornalistas Tulio Millman e Regina Lima.

Seguindo nossa pré-classificação das postagens, incluímos esse conteúdo na categoria de manchete, onde não há texto, somente a chamada e o link para a reportagem que foi veiculada em outra mídia. Em nosso acompanhamento semanal do conteúdo do blog não constatamos comentário algum sobre essa postagem.

#### **5.4. O “Caso do DVD” – Fragmentos do caso no twitter**

Durante o período de apuração e desenvolvimento dessa reportagem, Giovani Grizotti divulgou o assunto em sua página pessoal no twitter. Nos exemplos abaixo, elencamos uma série de posts atualizados pelo repórter apontando os desdobramentos da investigação jornalística a respeito do descobrimento do DVD, até a exibição completa da reportagem no telejornal dominical da emissora, o Teledomingo, em 25 de abril de 2010.

##### **Dia 19 de abril**

*O CD que falei ter descoberto no centro de POA na verdade é um DVD. Impressionante seu conteúdo. Vamos contar tudo no domingo [7:17 AM Apr 19th](#) via web*

*A matéria do próximo Teledomingo vai ser em torno de um DVD descoberto no centro de POA. Que segredos ele guarda? [4:42 PM Apr 19th](#) via web*

##### **Dia 20 de abril**

*Na quinta eu falo sobre o conteúdo do DVD que descobri no centro de Porto Alegre. [6:58 PM Apr 20th](#) via [TweetDeck](#)*

##### **Dia 21 de abril**

*Dia parado...Regina Lima gravou chamada do Teledomingo com o misterioso DVD na mão... [11:59 AM Apr 21st](#) via [TweetDeck](#)*

##### **Dia 22 de abril**

*Amigos, o [@teledomingo](#) já está no Twitter!. E dá uma pista sobre nossa matéria de domingo. [@caldasvargas](#) é o editor [5:04 AM Apr 22nd](#) via [TweetDeck](#)*

*RT [@teledomingo](#): O Teledomingo faz um mergulho no mundo dos golpistas ousados que falsificam tudo o que você nunca imaginou... [5:05 AM Apr 22nd](#) via [TweetDeck](#)*

*RT @teledomingo: O repórter Giovani Grizotti descobre um CD (como este aqui) onde vem pronto os modelos de documentos, [5:06 AM Apr 22nd](#) via [TweetDeck](#) RT @teledomingo selos, diplomas, comprovantes de renda, atestados médicos e até folhas de cheques em branco. [5:07 AM Apr 22nd](#) via [TweetDeck](#)*

### **Dia 23 de abril**

*No DVD que descobrimos entre golpistas no centro de P. Alegre, há até impressões digitais escaneadas. Ou seja, é o 171 do it yourself! [5:52 AM Apr 23rd](#) via [TweetDeck](#)*

O conteúdo desses posts nos permite perceber que cada vez mais o usuário tem acesso a dados que não estão disponíveis antes nos meios de comunicação tradicionais, ou seja, o usuário da web através do twitter tem acesso ao caminho da investigação, tem a chance de acompanhar os seus temas de interesse diretamente e o desenrolar do processo antes mesmo da reportagem ser agendada e publicada na mídia.

Para o caso em observação a reportagem foi feita para ser exibida para televisão, de forma que as imagens gravadas pelo jornalista foram feitas com câmera oculta apresentando provas documentais e flagrantes. Nesta ocasião não houve publicações a respeito no jornal Zero Hora e tampouco na rádio Gaúcha.

A estrutura do blog, nesse caso, não foi amplamente aproveitada, o jornalista não usou o espaço para debater, comentar ou prevenir a população. Fato que talvez possa ter resultado na falta de interesse do público em comentar a manchete postada. No twitter as postagens do jornalista geraram uma especulação promovendo a audiência, através de informações que revelaram alguns caminhos da investigação como os procedimentos técnicos da reportagem e especulações sobre o conteúdo do DVD. As postagens tornam perceptíveis certos dados a respeito dos bastidores do processo produtivo fomentando audiência para reportagem a ser exibida.

A abordagem feita pelo jornalista em seus depoimentos no twitter apresenta uma forma discursiva onde ficam evidentes as formas de fidelização, o pacto e o contrato. Grizotti utiliza estratégias de autorreferencialidade e atorização. (FAUSTO NETO, 2007). Conforme podemos identificar nos fragmentos: ***Dia parado...Regina Lima gravou chamada do Teledomingo com o misterioso DVD, Amigos, o @teledomingo já está no Twitter!. E dá***

*uma pista sobre nossa matéria de domingo e No DVD que descobrimos entre golpistas no centro de P. Alegre, há até impressões digitais escaneadas.*

O repórter renova o contrato de leitura e organiza seu discurso dando pistas do processo produtivo, descrevendo as regras de trabalho, o papel dos atores e dos setores encarregados das atividades, dando dar visibilidade aos próprios atores da notícia. Em seguida tenta legitimar a performance deste sistema de operação.

## 5.5 Caso “Farra dos Vereadores” - Abordagem no blog *Direto da Fonte*

*Prêmios atraem vereadores a cursos*

25 de agosto de 2010

Figura XX – 1º Postagem Caso Farra Vereadores



*“Para atrair participantes, uma empresa mineira acusada de fraudes em cursos para vereadores adota uma tática: entregar prêmios aos políticos. Em maio, três vereadores de Guaíba, na Grande Porto Alegre, viajaram a Foz do Iguazu para receber as comendas. Auditoria realizada pelo Tribunal de Contas do Estado (TCE) na Câmara da cidade descobriu irregularidades no uso de*

*diárias. A entrega dos prêmios é feita durante os eventos do Instituto Nacional Municipalista (INM), empresa acusada de fornecer diplomas para alunos que não assistem às aulas. A reportagem da RBSTV acompanhou a “cerimônia” de premiação realizada em seminário do INM em Belo Horizonte, no mês passado. Durante uma das palestras, o proprietário da empresa, Clésio Drumond pediu a atenção de todos.*

*-Eu vou convidar o vereador campeão de votos, vereador valdinei Alves ferreira, de São Lourenço, Minas Gerais, pra receber a comenda campeão de votos, disse Drumond durante o curso.*

*Sob aplausos dos demais participantes, os agraciados recebem a comenda e posam para fotos. Para ter direito ao prêmio, os vereadores pagam uma inscrição de R\$ 430,00 e ainda assistem ao seminário, que muitas vezes só existe no papel. Três vereadores de Guaíba foram homenageados durante um seminário em Foz. A presidente da câmara Paula Parolli (PMDB), que estava entre os premiados, recebeu duas placas: “Mulher da Luta e dos Direitos” e “Presidente 2010”.*

*-Um curso com poucas pessoas, não tinha muitas pessoas, mas houve o curso. Nós participamos das atividades, garante a vereadora.*

*Já os vereadores Caio Larréa, do PPS e José Vargas, o Campeão, do PTB, receberam os troféus “Vereador Campeão de Votos 2008”. Presidente do legislativo em 2009, Campeão foi condenado pelo Tribunal de Contas a revolver R\$ 51 mil devido a supostas irregularidades em gastos com diárias no ano passado. Entre os problemas apontados na auditoria, está a participação de servidores em cursos destinados a presidentes de câmaras, em Brasília. A reportagem localizou um homem que já trabalhou numa empresa que organiza esse tipo de seminário, com sede em Santa Catarina e sob investigação na Polícia Civil gaúcha. Ele diz que as aulas são o que menos importa. O que conta são as diárias, maiores em viagens para fora do estado*

*-A empresa poderia fazer, por exemplo, quatro dias de curso em Porto Alegre e quatro dias na mesma data, em Balneário Camboriú. Eles (os vereadores) iam pra fora do estado, por causa das diárias, revela o ex-funcionário da empresa. O vereador José Vargas não quis se manifestar. Já o vereador Caio Larréa disse que houve aulas durante todo o curso e que não teria viajado, se soubesse que o instituto estivesse envolvido em fraudes.”*

Foram postados dois comentários para o texto acima:

*Daniel Ribeiro diz:*

[25 de agosto de 2010 às 2:40 pm](#)

*“É brincadeira. Isso não para nunca!?. Me pergunto: o que o TCE faz é chover no molhado. Normalmente, “pega” a ponta dos icebergs de “esquemas” que pululam em Câmaras de Vereadores e Prefeituras e, mesmo, do governo do estado. Ainda bem que existe a imprensa para pelo menos, constranger estes “personagens” que infestam a vida pública – política do estado, dos municípios, do país. Parabens, pelo trabalho.”*

*Julio C.S.O diz:*

[25 de agosto de 2010 às 6:18 pm](#)

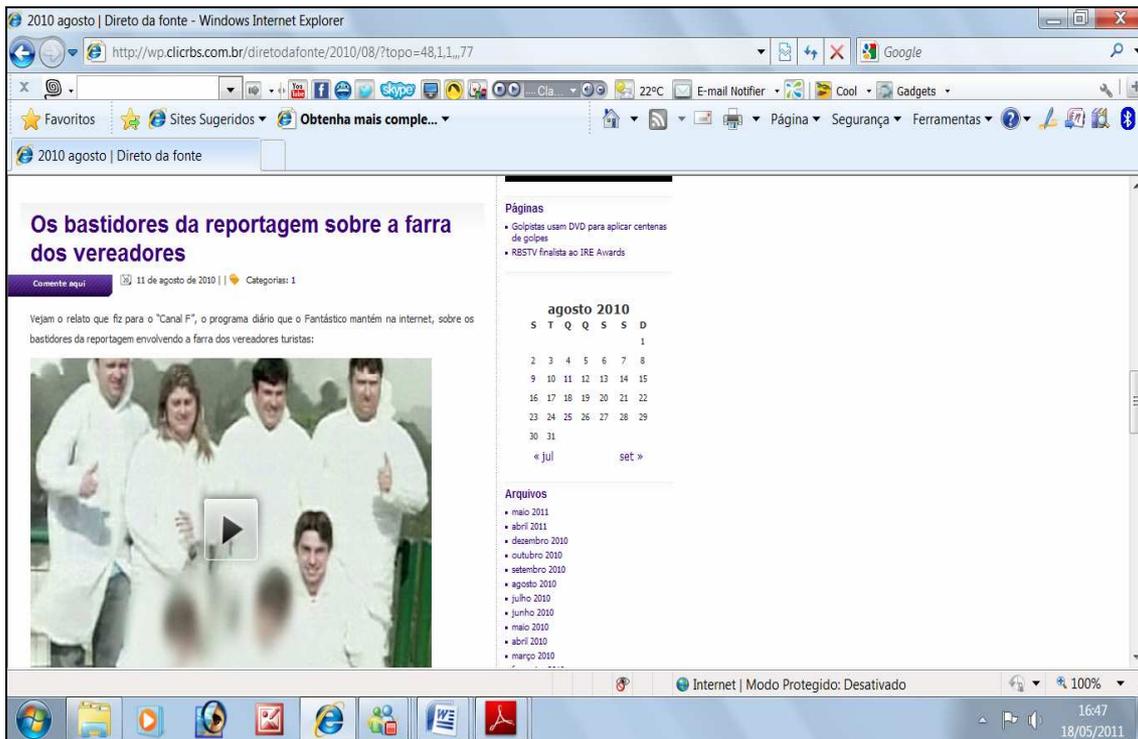
*“É lastimavel mas como diz o velho ditado cada povo tem o governo que merece,apesar de tudo o povão de Guaíba ainda elegem estes falcatruas para representar lhes e com promessas que nunca acontecem.eu como morador de Guaíba fico envergonhado quando amigos meus chegam a cidade pois não se tem nem ruas decentes para se andar e estes calhordas fazendo festa com o dinheiro que poderiam fazer algumas coisa de bom para a cidade. Caros moradores de Guaíba não errem novamente pois temos muitas pessoas de vergonha na cara e que com certeza tem muito mais competência que estes chinelos que ai estão.”*

## **Postagem 2- Os bastidores da reportagem sobre a farra dos vereadores**

*11 de agosto de 2010*

*Vejam o relato que fiz para o “Canal F”, o programa diário que o Fantástico mantém na internet, sobre os bastidores da reportagem envolvendo a farra dos vereadores turistas:*

Figura XXI – 2º Postagem Caso Farra dos Vereadores

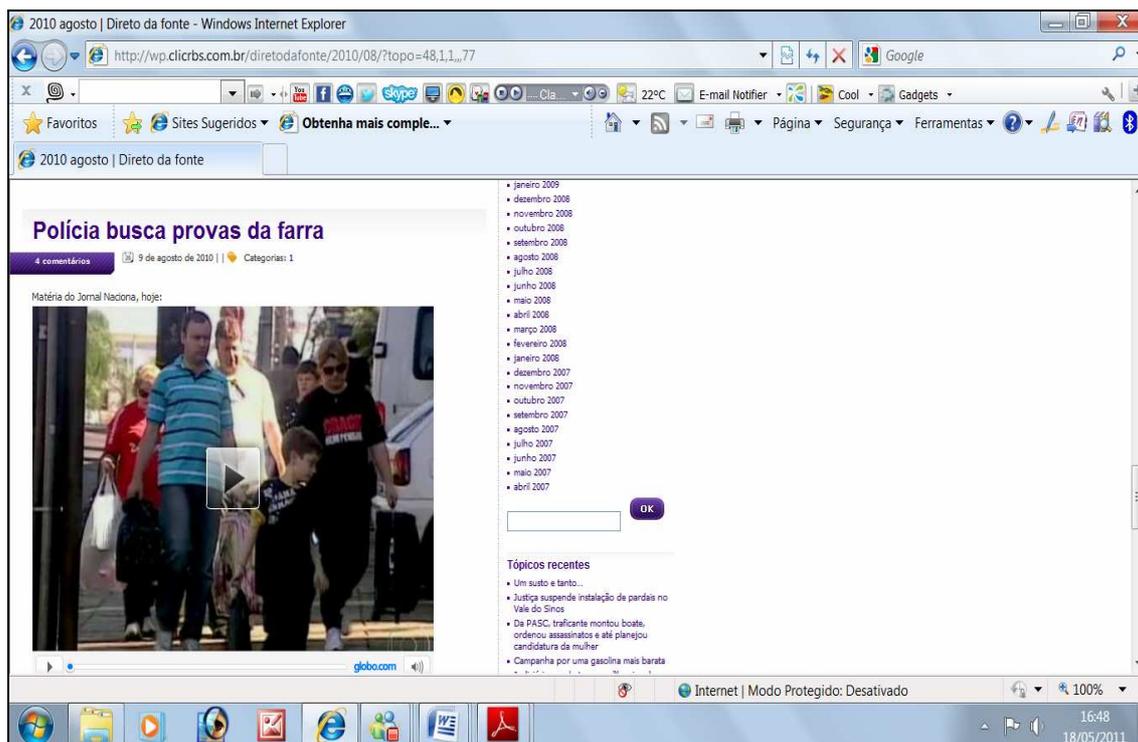


### Postagem 3 - Polícia busca provas da farra

9 de agosto de 2010

Figura XXII – 3ª postagem do Caso Farra dos Vereadores

Matéria do Jornal Nacional, hoje:



Para a notícia foram postados quatro comentários:

*Igor BERETA diz:*

[10 de agosto de 2010 às 1:15 am](#)

*“Mais uma vez através desse talentoso, competente e acima de tudo corajoso jornalista, um esquema reeditado de farra com o dinheiro público vem à tona. Numa matéria que demandou muita habilidade e paciência para agregar tantas provas. Justificando o real interesse de postulantes ao legislativo gastarem um montante em campanha eleitoral, como em Dom Pedro de Alcântara, que notoriamente ultrapassa os vencimentos somados no cobiçado mandato. Ao tempo que a população aplaude as mais variadas denúncias por esse jornalista, a sociedade sabe quais conseqüências o caso em tela terá, ou seja, colegas vereadores nada farão, vez que sabido que tal prática é meio de acréscimo salarial no legislativo, como revelou um*

*dos flagrados. Mas com a pronta atuação do Ministério Público e Policia Civil, insurgiu a possibilidade de que os “farristas” venham a ser um dia distante responsabilizados, um dia, um dia... Mas antes o povo “memória curta” esquece, e mais um pleito municipal chegará e dinheiro rolará e os mesmos nas câmaras a imperar. Até quando nós eleitores vamos aceitar tal procedimento? É fácil de conhecer o bom político pela campanha eleitoral, não pelos discursos inflamados e promessas sedutoras, mas sim pelo que dispõe a investir para galgar a cargo almejado, pois dinheiro que sobra em campanha é o que falta para os serviços públicos essenciais à sobrevivência humana e demais anseios de uma sociedade sofrida pelo descaso das autoridades. Um pleito eleitoral se aproxima e com esse fato público, queira Deus que nossa população comece agora a escolher políticos competentes e honestos.”*

*cirio bersoti diz:*

[10 de agosto de 2010 às 4:42 pm](#)

*“Oi cara essa dos vereadores foi muito massa (esses caras de paus) continue assim abraços.”*

*MÁRCIO BENETTI - MAQUINÉ diz:*

[11 de agosto de 2010 às 3:00 pm](#)

*“Giovani, você sente o cheiro de falcatrua no ar !!!  
Esses caras-de-pau, certamente, fizeram na vida “Pública”, tudo o que sempre fizeram na “Privada”.  
O que me deixa indignado é ter que votar e pagar impostos !!!”*

*vilmar diz:*

[17 de agosto de 2010 às 12:46 am](#)

*“A segunda câmara que mais gastou com diárias foi Sapucaia do Sul, o diretor geral da câmara scopel resistiu a queda de 5 vereadores, armou o maior banze na eleição para prefeito e é candidato a deputado, sapucaia é uma vergonha, vc fez o serviço pela metade, e deixou os maiores ladrões impunes, vê se te redime o cara”.*



Analisando as postagens referentes a o caso observado podemos identificar que o jornalista não se preocupou em publicar um material resumido, crítico ou detalhado sobre a investigação em curso. As postagens restringem-se apenas a links para as reportagens produzidas pelo repórter e veiculadas na TV. Os textos são reproduções das mesmas sem alteração alguma. Portanto, pela nossa classificação inicial se enquadram na categoria posts informativos. Ou seja, apenas material informativo com links para as reportagens com intuito de divulgação e autorreferenciação.

Voltando nosso olhar para o processo interacional, encontramos interações reativas na medida em que a atuação dos comentaristas se dá somente na forma de reação ao que foi produzido e postado pelo repórter, respeitando-se a hierarquia. Os comentários publicados são elogios e depoimentos que enaltecem a figura do repórter. Lembrado que interação ofertada pelo blog está condicionada a sistemas reguladores instituídos por lógicas midiáticas.

## **5.6 Caso Farra dos Vereadores – Fragmentos do caso no Twitter**

***30 de julho 2010***

*Estamos a 1000 kms de POA. E acabou de rolar aquela cena do cara correndo desesperadamente da nossa equipe. Estamos exaustos.*

***31 de julho de 2010***

*Gravei hoje vestindo camisa da seleção paraguaia de futebol. Figurino fez parte do tema da reportagem.*

***03 de agosto de 2010***

*Terminaremos hj em POA uma empreitada que começou em Gramado, passou por Recife, Belo Horizonte, Foz e Santa Catarina....Mais de 25 horas de gravações.*

***07 de agosto de 2010***

*Para preparar a matéria de amanhã, fizemos gravações até num bailão da terceira idade...É Fantástico!*

***09 de agosto de 2010***

*Delegados tuiteiros que participaram hoje da operação "legislatur", sobre a farra das diárias: @EmersonWendt e @rodrigodelegado*

***12 de agosto e 2010***

*Depondo no Deic sobre a farra dos vereadores.*

Nos fragmentos extraídos do twitter mais uma vez fica evidente a estratégia de atorização e celebração. Nos trechos: ***Estamos a 1000 kms de POA e fizemos gravações até num bailão da terceira idade***, o repórter desloca o leitor não mais para a descrição do trabalho de produção da realidade, segundo operações enunciativas autoreferenciais. Já em ***Gravei hoje vestindo camisa da seleção paraguaia de futebol. Figurino fez parte do tema da reportagem e É Fantástico!*** Grizotti novamente descreve as formas de trabalho e legitimar a performance através de adjetivos. No caso de Fantástico, o repórter faz alusão ao programa da Rede Globo, onde veicula suas reportagens investigativas. O jornalista não se detém somente a transmitir a informação, mas busca através da profissão, atingir um *status* de herói quando atua diretamente na construção dos acontecimentos.

## 6. CONSIDERAÇÕES

Os produtos de mídia na web, ou webjornalísticos ainda vêm sendo tratados como bens de experiência e portanto vêm revelando novas estratégias de divulgação, de circulação e fomentando a existência de novos contratos, específicos do ambiente virtual. O webjornalismo constrói seus efeitos de sentido a partir da coabitação de várias linguagens em um esmo ambiente, que permitem a complementação do relato através de fotos, vídeos, links, etc. A participação dos leitores, seja por meio de comentários ou como co-produtores, que para muitos é uma possibilidade de jornalismo cidadão, reforçam o efeito de real. Procura-se identificar e entender os modos de dizer, na articulação do webjornalismo tomando como referência as potencialidades propiciadas pela internet: multimidialidade, que faz emergir uma nova forma de apresentar um fato, agregando elementos; a interatividade, recursos que permitem o contato entre produtor e destinatário, entre os destinatários e outros leitores, por meio de recursos como chats, blogs e fóruns; a personalização, a possibilidade de conferir ao produto midiático adaptação ao perfil do leitor; atualização contínua, o discurso jornalístico agora numa nova temporalidade, num processo contínuo; memória, que permite ao leitor recuperar o histórico do tópico em questão e a hipertextualidade, uma nova forma de “escrita”, tendo-se em vista a nova forma de organização e apresentação dos produtos.

Essas características são procedimentos de construção dos efeitos de verdade e só podem ser usadas, na moldura do jornalismo como gênero, de forma subordinada às condições do contrato de comunicação. Dessa forma, a verdade e a credibilidade tanto estruturam o gênero jornalístico quanto são estabelecidas por ele. Os procedimentos que asseguram os efeitos de verdade são legítimos para o jornalismo, pois estão baseados em estratégias que buscam a credibilidade e a legitimidade, sob pena de ruptura do contrato de comunicação.

O conceito de contrato de leitura é aqui percebido como operações construídas que visam estabelecer o “modo de dizer” que o jornalista explicita nas mensagens que endereça aos seus leitores. Ou seja, os procedimentos pelos quais se posiciona e pronuncia ao receptor, segundo marcas enunciativas e através das quais busca a construção da organização dos procedimentos pelos quais Grizotti enquanto sujeito, explicita seus vínculos com seus enunciados, descreve a realidade. Os contratos se caracterizam por um trabalho enunciativo segundo operações discursivas que objetivam criar determinados efeitos. Neste novo modelo de contrato, o campo jornalístico diminui a ênfase sobre suas operações de

heteroreferência, ou seja, falar do mundo externo, e passa para aquelas de autorreferência, cujo foco é a auto descrição dos seus próprios “processos de codificação da realidade”. (FAUSTO, 2001)

A enunciação está voltada para a descrição das regras que envolvem o trabalho da realidade da construção. Este processo de discurso midiático voltado aos seus auto-processos discursivos, institucionaliza-se em vários suportes e modalidades de discursos, e desenvolve um novo modo de falar da mídia. A mídia pela própria mídia.

Percebemos que o desafio metodológico em trabalhar com a internet consiste em analisar seus processos, visando contemplar a produção jornalística e não apenas a interação ligada à técnica, voltando o olhar para os processos sociais e não somente aos meios.

Examinando o processo de circulação das informações e de que forma o processo de produção do blog explora o ciberespaço e utiliza suas ferramentas fica evidente a redefinição do status do produtor e do receptor. A tecnologia quando convertida em meio de produção e recepção afeta a relação meio e atores sociais e altera as práticas processuais que vêm da mídia clássica às tecnologias digitais.

A reconfiguração das relações entre os sujeitos e os suportes cria novas formas de reação social, onde a mídia não se configura mais como um campo e sim como uma ambiência onde todos os campos se movem. Nessa nova configuração, a sociedade não deixou de existir, ela apenas toma outro formato se localizando em uma plataforma que nos coloca na condição de sujeito e produtor. Neste sentido, a técnica se desloca para o elemento constituidor da vida social e não simplesmente como extensão do homem, mas incorporada a ele. Conseqüentemente, a sociedade se percebe e interage a partir da mídia além dos dispositivos tradicionais.

A análise dos dados observados no blog Direto da Fonte nos permite identificar que o conteúdo postado pelo jornalista Giovani Grizotti reformula o contrato de leitura seguindo estratégias de autorreferencialidades. A estrutura, as condições de participação, o conteúdo e as formas de interação estão condicionados aos sistemas reguladores instituídos pelas lógicas midiáticas. Giovani Grizotti utiliza a narrativa em primeira pessoa que reafirma um contrato de fidelidade para construir a realidade a partir de sua própria participação.

A forma como se dá o processo de produção do blog o classifica como veículo institucional, preservando as características do Grupo RBS, não havendo interação direta do jornalista Giovani Grizotti com os comentaristas interagentes, nem sequer aproveitamento do conteúdo produzido através dos diálogos lançados. Assim, a plataforma atua como mais

um veículo para divulgação das notícias e não interfere, nutre ou transforma as lógicas de produção ou enunciação do jornalismo investigativo.

No twitter, acontece outro tipo de movimento. As postagens de Grizotti dão pistas sobre o processo produtivo, fomentam audiência, debates, e conversações entre seus seguidores que interagem, trocando conhecimento e aumentando a circulação da informação. Percebemos também uma mudança no processo de enunciação do jornalismo investigativo que antes primava pelo sigilo, preservando o processo de apuração, as fontes, e suas estratégias de investigação. Atualmente, diante desse novo cenário e das ferramentas disponíveis na web passa a ser um processo mais aberto, democrático e participativo. Estamos diante de novos contratos, em que o receptor é transformado para co-produzir as mensagens, saindo da posição de auditório. Surgem então novos formatos de contratos. Imputa-se, de modo principal, tais alterações às transformações tecnológicas, principalmente o fato das convergências destas permitem que dispositivos de produção estejam cada vez mais nas mãos dos leitores, expectadores, ouvintes. Estes são convertidos em produtores gerando materiais, em consenso com contratos oferecidos. O contrato antes estava fundado na ideia da instituição de um campo de interesse temático para o leitor, mantendo-o em seu lugar de recepção. Agora, o surgimento de novos contratos prioriza o discurso autorreferencial visando manter a fidelização do leitor. O foco dos jornais, TV, e produtos jornalísticos na web voltaram-se para as operações que visualizam seus respectivos sistemas produtivos. Fenômeno que podemos identificar claramente no twitter do repórter Giovani Grizotti.

Nesse âmbito o jornalismo investigativo passa a ser enunciado de uma nova forma. O processo de investigação e a ação do profissional do jornalismo investigativo se inserem no cenário da web fazendo emergir um novo contrato de comunicação, onde o leitor conhece os processos produtivos através da ótica do repórter que publica e torna visível o que ele escolhe de acordo com a estratégia de celebração. Ao descrever o local de produção da reportagem ao dar, detalhes que julga pertinente, ao fazer referência aos programas onde a reportagem final será divulgada e os profissionais envolvidos na produção o jornalista enuncia durante todo o processo de reportagem, de acordo com o que julga necessário ser do conhecimento do leitor.

É o surgimento de uma nova forma de contrato que insere a investigação na lógica da autorreferencia. O leitor-interagente, aceita esse contrato, participando, perguntando, mesmo sabendo que não terá retorno. Nesse sentido, o repórter calcula aquilo que melhor atende seus interesses no momento em que realiza as postagens e age de acordo com isso. O campo

jornalístico abandona os contratos cuja ênfase estava voltada para os textos, para a apuração e a publicação nos quais enfatizavam seu trabalho de construção da realidade destinada aos leitores e passa cada vez mais a priorizar, estratégias de autorreferenciação sobre as próprias regras e operações através das quais produz, a realidade da construção.

O avanço tecnológico proporcionou importantes alterações nos modos como o receptor se relacionar com os veículos. No cenário da internet o jornalismo oferece extraordinárias possibilidades do ponto de vista da difusão da informação, permitindo a formação de um novo ambiente onde convergem informação e conhecimento. Em nossa análise fica claro o processo de convergente no qual se inserem as mídias observadas, criando uma rede autorreferencial que visa fidelizar o leitor e encaminhar seu processo de busca por informações. O material postado no twitter de Giovani Grizotti fomenta discussões e especulações sobre as reportagens de forma a instigar o internauta a assistir à veiculação na TV. A reportagem é ali tratada como algo que vai estrear, romper, criando expectativa. Já no blog são usadas todas as ferramentas disponibilizadas pela internet. Nesse ambiente é publicado o mesmo material que foi veiculado na TV, no jornal impresso ou no rádio, através de links, fotos, infográficos e áudios, integrando todas as publicações. As diversas linguagens convergem estabelecendo conexões entre os conteúdos midiáticos. Em casos específicos o jornalista se permite fazer comentários sobre as postagens realizadas. O que não é rotina, e dessa forma, descaracteriza a funcionalidade blog, que atua como uma mídia convergente. O Grupo RBS, como muitas empresas têm feito atualmente, cria uma rede articulada onde o twitter proporciona discussões e antecipa as informações que serão veiculadas e o weblog reúne as versões publicadas nos demais veículos da rede. A informação circula de forma que o leitor não só complementa a leitura como também continue acessando os produtos jornalísticos da emissora.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAJI. 2007. Disponível em: <<http://www.abraji.org.br>>. Acesso em: 20 jun. 2010.
- BARBOSA, Suzana. **As bases de dados no curso da convergência jornalística: uma análise preliminar a partir do modelo JDBD**. Salvador: GJOL, UFBA, 2007. Disponível em <http://gjol.blogspot.com>. Acesso em 23/06/2011
- BENETTI, Márcia. **O jornalismo como gênero discursivo. On-line, 2007**  
Disponível em [http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/coordenada\\_6\\_marcia\\_benetti.pdf](http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/coordenada_6_marcia_benetti.pdf). Acesso em maio de 2011.
- BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta a sua mídia**. São Paulo: Paulus, 2006.
- BRIGGS, Mark. **Jornalismo 2.0**. Como sobreviver e prosperar. On-line, 2008. Disponível em <http://knightcenter.utexas.edu/journalism20.php>. Acesso em 12/02/2008
- CANAVILHAS, João Messias. **Webjornalismo. Considerações gerais sobre jornalismo na web**. Disponível em <<http://www.bocc.uff.br/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf>>. Acesso em 05 de maio de 2010.
- CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- FAUSTO NETO, Antonio. Contratos de leitura: entre regulações e deslocamentos. In: **Diálogos Possíveis**. Revista da Faculdade de Ciências Sociais da Bahia, n.2, Jul-Dez/2007. Disponível em <http://www.faculdadesocial.edu.br/dialogospossiveis/artigos/11/01.pdf> (acesso em 30/11/2009)
- FERRARI, Bruno; GUIMARÃES, Carolina; MANSUR, Alexandre. O poder e o risco das redes sociais. Especial. In: **Revista Época**, ano 2010, ed.nº 628, pág. 79-94
- FORTES, Leandro. **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Contexto, 2005.

GENTILLI, Victor. **O jornalismo brasileiro nos anos 70**. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/pos/gtjornalismo/doc/2001/gentilli2004.rtf>>. Acesso em: 16 ago. 2007.

HABERMAS, Jurgen. **O caos da esfera pública**. Caderno Mais, Folha de São Paulo; São Paulo: Ed. 18.08.2006.

IGUTENBERG, 2007. **A última aula da escola base**. Boletim 12, nov./dez. 1996. Disponível em: <<http://www.igutenberg.org/esbase12.html>>. Acesso em: 05 nov. 2007.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo, Aleph: 2008.

KARAM, Francisco José. **Jornalismo, ética e liberdade**. São Paulo: Summus, 1997.

KERCKHOVE, Derrick de. **Inteligencias em conexão – hacia una sociedad de la web**. Barcelona: Gedisa, 1999.

KONOPCZYK, Samantha “Jornalismo Ativo” In: LOPES, Dirceu Fernandes;

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo norte e sul**. São Paulo: Edusp, 2002.

PROENÇA, José Luiz (org). **Jornalismo Investigativo**. SP, Publisher, 2003.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LUHMAN, Niklas. **A realidade dos meios de comunicação**. São Paulo: Paulus, 2005.

MACHADO, Elias; PALÁCIOS, Marcos (Orgs.) **Modelos de Jornalismo Digital**. Salvador, Calandra: 2007.

MACHADO, Irene e FEITOSA, Mirna. **Design da comunicação no jornalismo de guerra**. Anais da XXVI Intercom 2003. Belo Horizonte, 2003

MARCONDES, Filho, Ciro. **Comunicação e jornalismo – A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker, 2000.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Campos do Jordão:Mantiqueira, 2003.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na Web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual**. Tese. Doutorado em Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea - Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador, 2003

PALACIOS, Marcos. **Jornalismo online, informação e memória: Apontamentos para debate** Disponível em: [http://www.facom.ufba.br/jol/doc/covilha\\_palacios.doc](http://www.facom.ufba.br/jol/doc/covilha_palacios.doc). Acesso em 05/05/2010.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2006.

PRÊMIO ESSO. 2007. Disponível em <<http://www.premioesso.com.br>>. Acesso em: 27 ago. 2007.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição**. Porto Alegre, Sulina: 2007.

PRIMO, Alex. **Interação mútua e interação reativa: uma proposta de estudo**. In: Revista da FAMECOS. n.12. Jun. p.81-92. 2000.

REQUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet** 1.ed.Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, Raquel. **Webrings: As Redes de Sociabilidade e os Weblogs**. Sessões do imaginário, Porto Alegre, v. 11, 2004. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/806/613>. Acesso em 05/05/2010.

SANTORO, Daniel. **Técnicas de investigación**. México: Nuevo Periodismo, 2004.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro. **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Summus, 2005.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

\_\_\_\_\_. **Teorias do Jornalismo – v. I**. Florianópolis: Insular, 2004.

\_\_\_\_\_. **Teorias do Jornalismo - v. II**. Florianópolis: Insular, 2005.

VASCONCELOS, Frederico. **Anatomia da reportagem**. São Paulo: Publifolha, 2008.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. Trad.: Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ZELIZER, B. “Os jornalistas enquanto comunidade interpretativa”. In: **Revista de Comunicação e Linguagens**. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 2000. P.p.33-61.

ZIZEK, Slovoj. **Identidades vazias**. Folha de São Paulo; São Paulo: Ed.07.01.2007.